BULHÃO PATO

LIVRO
DO
MONTE

GEORGICAS — LYRICAS

LISBOA
Typographia da Academia
1896

O Livro do Monte será, provavelmente, o meu ultimo livro de versos. Foram vividas e sentidas todas estas composições. Sinceras, talvez por isso possam ter algum valor.

Quando a alma não envelhece, a sensibilidade é porventura mais viva em annos provectos.

Não me refiro á sensibilidade das paixões da adolescencia e da força da vida, mas aos sentimentos que nos suggere a natureza.

A arvore, passados para nós os cincoenta, substitue a mulher. A cabeça frondeada ondeia. Ingenua nos meneios, ao mesmo passo gentís e voluptuosos. Esbelta, fresca, fragrante. Braços acurvando-se e dando-nos sombra. Alterna sorrisos e tristezas no cambiar das folhas; tem murmurios languidos e gritos de angustia: antitheses arrebatadoras, que entrevemos em sonhos, e desapparecem quando tentamos firmal-as! Atravez da sua coma agitada, as estrellas afiguram-se-nos todas cadentes, nas noites tepidas: faiscam, fogem, reapparecem, somem-se, deixando-nos absortos, como nos deixou o relampago de uns olhos, um dia, dando-nos a visão antereal do infinito! Escuta-nos, ás vezes em silencio estatico! Deixa caír sobre nós lagrimas esmaltadas, quando rompe a madrugada, quando o sol se esconde!

Occulta-nos no regaço com o amor timido, que treme de tudo. até de si proprio!...

Fazemos-lhe confidencias de outros amores. Ella nos falla dos seus—da primavera rubente, que lhe abriu n'um beijo a flor; dos rouxinoes, que lhe deram os passos mais difficeis e atrevidos das suas gargantas, quando fabricavam os ninhos; do sol estival, que lhe maturou os fructos, no arraiar de alvoradas purpurinas!

Adormenta-nos cantando, e que riqueza na sua escala diatonica! Acorda-nos solicita ao zumbir de uma vespa mordente; dá-nos os pomos tumidos e balsamicos!

Tambem nos apavora com os relances tragicos da sua longa vida—a granizada que a açoitou, em refregas asperrimas, nos dias algidos de dezembro; o

gêlo que lhe enriçou as ramarias, nos rigores de janeiro; o furacão que a poz a tormento, estalando-lhe os troncos; o assombro, de que tornou a si, depois de uma noite em que se viu sobre o penhasco solitario, coroada de relampagos, como o Sinai!...

Tal, na constancia, que as raizes fundas, bem cravadas na terra, como que esperam por nós, para nos abraçarem pela eternidade!

O poeta, então na rampa da vida, canta apaixonado a arvore, como na mocidade cantou a mulher!

Identifica-se com a natureza. N'este amor casto, de immaculados desejos. nas despedidas da terra, sente o sopro da immortalidade! Tem, finalmente, o resgate supremo de supremas iniquidades!

A natureza, quando passa atravez da alma, transforma-se em arte.

Se o poeta é Virgilio, escreve as *Georgicas;* se é Camões, o episodio do *Adamastor*.

*

* *

Intitulando *Georgicas* a primeira parte do meu livro, segui, a distancia enorme, o mestre immortal, que não se limitou á significação restricta da palavra, fazendo apenas um poema didactico sobre a cultura do campo. Ás brenhas, aos mattagaes, ás assomadas, montes, algares, valles, campinas, mar e horisontes remotos, deu vida!

Eu descrevi, como pude, quantas scenas tenho observado, todos os dias, por estas bellissimas paizagens, onde ha muitos annos habito, e a esses quadros intitulei — *Georgicas*.

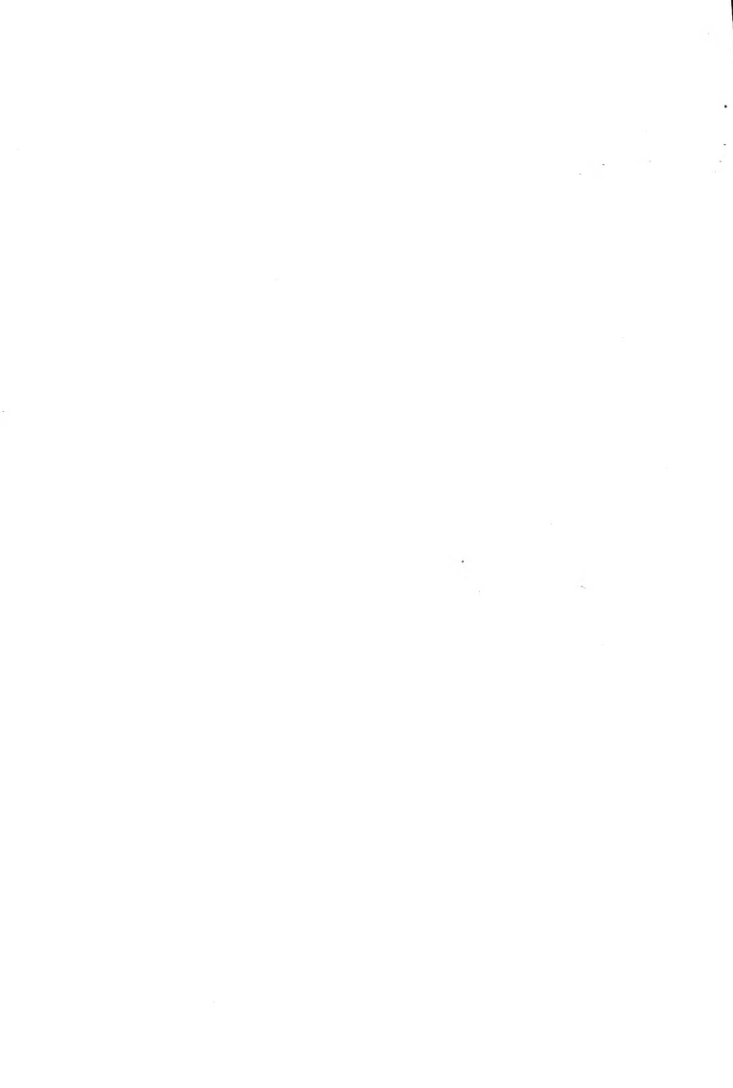
*

*   *

A segunda parte — *Lyricas* — menos algumas satyras da actualidade, e impessoaes, que, bem no fundo, podem ser elegias, suggeridas por miserias de que todos sabemos — a segunda parte, digo, é o meu passado, rememorando relampagos do coração, quando moço... e, por fim, aquelles que amei e que já não existem!

Á fórma, não lhe dando tratos, consagrei toda a minha attenção, procurando, sem phrasear de archaismos, conservar-lhe sabor portuguez, mas portuguez moderno.

O seculo em que estamos não pensa nem sente como o seculo XVI, e não se pode escrever como se escrevia então. Ahi fica o reparo, que me não parece descabido.

Monte de Caparica, Torre—Oitubro de 1896.

GEORGICAS

INVERNO

A Urbano de Castro

Rondou o vento ao sul, e é rispida a lufada!
Temos, não ha que ver, a invernia pegada!

Se nos fins do verão caíram as branduras,
Nem meia enxada d'agua entrou nas terras duras.

Aqui ha chão barroso, e chão tão apertado,
Que, sem agua a fartar, não vae nem a machado!

Em baixo, ao rez da Costa, ás folhas salgadias,
Qualquer chuva lhes basta,—e mau, se as ventanias
Começam de puxar, que as vagas altaneiras
Alagam, no juncal, vinhas e sementeiras!

Nas cepas, isso então—e mais depois das cavas—
É praga que lhes dá, o sal das ondas bravas!

Bem raro o lavrador tem dias sem cuidados;
No monte o tempo é um, outro nos descampados.
Só lhe leva a melhor, no rude labutar,
O marinheiro audaz, nas solidões do mar!

Mas no campo, comtudo, ha dias prazenteiros:
Agora o ceu nublado, e os fortes aguaceiros,
São para o agricultor como manhã de rosas!

Venham chuvas ainda, e venham mais copiosas.
Por todo esse Alemtejo, aos novos chaparraes,
Aguas a desabar, são rara vez de mais!

Pode a cheia inundar os prados da lezira;
Inda que venha a flux, por emquanto, não tira;

Com que respeite o gado, e deixe bom nateiro,
Não é nunca fatal antes de entrar janeiro!

Cogitando em tudo isto, o lavrador, agora,
Alegre esfrega as mãos—e caia chuva, embora!

Porém o cavador, que vive só da enxada,
Como se ha de amanhar, faltando-lhe a soldada?

Na casa do ganhão é que a invernia é seria!....
Uns dias sem trabalho... e basta! Entra a miseria!

Na cidade, no campo, emfim, seja onde fôr,
Para os pobres, a vida é quasi sempre a dôr!

Vamos a espairecer! Saltou o vento ao norte;
É lamina da serra, e do mais fino córte!

Lá vem abrindo o sol! Toda a amplidão domina!
Só do valle o sauda o incenso da neblina!

Que animação no campo! A rapida caudal
Serpeia, pela encosta, em cobras de crystal!

No mimoso da varzea, e nas viçosas faldas,
Abrem floritas d'ouro, em chão que é d'esmeraldas!

Os cavallos beirões, de guizos chocalheiros,
Vem de Cezimbra á venda; atraz os recoveiros.

Tiram o arado os bois. Nos altos e chapadas,
Desbravando o torrão, fuzilam as enxadas!

O passaredo alegre a revoar em bando;
Ao rez da choupanita as creanças brincando;
A mãe, sempre a lidar, ao sol córando as roupas,
Batidas ao sopé das desfolhadas choupas!

O carro gemedor chega dos estevaes,
Carregado de tojo e ramas de pinhaes.

As vaccas no relvão, cabrinhas pelas fragas,
E toda azul ferrete, ao longe, a flôr das vagas!

No escuro d'esta lua, a caça entra de certo.
Já saltou gallinhola! O matto fica perto.

Deixae que alteie o sol, senão, com a geada,
Vão-se as ventas dos cães, e não fazemos nada!

Annos, e labutar, e lagrimas!... embora!
Auras da juventude, aspiro-vos agora!
Parece que, rompendo o sol na immensidade,
Rompe dentro de mim o sol da mocidade!

*
* *

Na jardia e no souto, a entrada não foi grande;
Nem um pombo trocaz a procurar a glande!

Porém não falta ensejo,—até á Conceição,
Para entrada real é prospera a sazão!

Agora palestrar, em volta da lareira,
Ao grato crepitar dos tóros da azinheira!

Aperta, lá por fóra, o limpido nordeste;
Caça de arribação gosta de tempo agreste.

Com sessenta e mais quatro, e quatro bem contados,
Inda rompo com alma os matagaes fechados!

Quero que venham vêr amanhã, praguentos,
Como bate o montado, a minha *Tullia,* a ventos!

Novembro, 95.

CORRIDA ÁS LEBRES

Já vae alteando o sol. Nos longes da campina,
Em tenues espiraes, esvaece a neblina.
Vamos entrar no campo, e deixar os sapaes.

Quatro galgos á trella. Airosos animaes;
Attentos a seguir os podengos balseiros.
Ao pé do matilheiro, a passo, os cavalleiros.

Em facas da lezira é preciso ter mão,
Que ao mais leve signal partem como um falcão!

É bom, não rara vez, quando um toiro, á má cara,
Se volta ao maioral e reponta co'a a vara;
Partindo, á desfilada, um cavallo real
Salva d'um pulo a valla e salva o maioral!

Maticaram os cães! — Larga o galgo raiado!
Já vae feito com ella á beira do vallado!

Não me cortem a lebre; é deixal-a correr...
Que assim é que se vê um galgo de poder!

Lá lhe atira a pancada. Agora é que ella fica!
Que pé e que pulmões de lebre maçarica!

Outra! Solta-lhe a galga, e tudo a carregar!

Treme o chão co'a batida, estrondeia o vozear;
Parece um furacão!... Transvoam na carreira
Quanto, quanto se oppõe á furia aventureira!

E a galga a melhorar-se, e as buscas a latir,
Raivando na paixão de a não poder seguir!

Vae prospera a caçada; augmenta o turbilhão...
Os galgos, sem alento, abatem-se no chão,
Lingua rubra e suando; as patas estiradas,
A tocar, no triumpho, as lebres rebentadas!

*
* *

Com os fulvos clarões do recrescer do dia,
Ouvindo o estrepitar da alegre montaria,
Relincham na planura os poldros da manada;
Os novilhos brincões adestram-se á marrada,
E o toiro, regalado, entre o mimoso feno,
Perde o aspecto minaz, a ruminar sereno!

Cortemos á poisada. O almoço nos espera.
Dar um respiro aos cães. Assoma a primavera!

*

* *

Por entre os sinceiraes, como a prata fundida,
Inda as caudaes do inverno ás pastagens dão vida!
Nas folhas de lavoira o trigo, bem pintado,
Ondeia á viração, de flores matizado!

O laverco, o rival do proprio rouxinol,
Com a noiva a pairar, cantando a noiva e o sol!

Cae o azul sideral a prumo na campina,
E a veia juvenil rebenta crystallina!
Que arraiar de paixões! Que fulgidas chimeras!
Que horisontes sem fim! Que juras tão sinceras!

Alcançam o ideal os corações em flor,
Quando os labios de Deus abrem, n'um beijo, o amor!

*

* *

Tudo passou!... Que importa?! Eu tenho a mocidade!
Dão-me sempre uma aurora as auras da saudade!

Março, 95.

VERANITO DE SÃO MARTINHO

Completamente azul o curvo firmamento!
Para o fato miudo e para o grosso armento,
Anno promettedor. Já no casal descubro
As relvas a pungir, co'as aguas d'este oitubro.

Praza a Deus que não minta o que hoje se afigura,
E que produza bem a proxima cultura!

O *mildio* cada vez com mais furor ataca!
O vinho fundiu pouco, e a qualidade é fraca.

Não andaram, sequer, os moços á rabusca,
Que não ficou esgalha, embora da labrusca!

O trigo e milho escasso. O resto a pouco monta,
Porém como a sazão de bom cariz aponta,
Resurge, lavrador! pega-te a São Matheus;
Deita mão á aguilhada, e vae lavrar com Deus!

*
* *

Quando o cacho abundava, em prosperas vindimas,
Para todo este sitio eram glorias opímas!

Da talía, do espadeiro e do doirado arinto,
A rodo, até fartar o pobre mais faminto!

Inda estrellas no ceu e já, pelas estradas,
Os carros a gemer co'as dornas atulhadas!

Na testada dos bois, pulando o rapazio,
Repleto de trincar o bago luzidio!

Depois, estreme e rubro, a encher a transbordar,
O sangue do vinhedo, as cubas do lagar!

Para ter um licor mais tinto e avelludado,
Era curtir na balsa o racimo pisado.

Que mosto! O cheiro só bastava aos lagareiros!
E a adega!... um carnaval de chascos zombeteiros!

Vindo o frio a apertar, logo no São Martinho,
Não havia ter mão—era provar do vinho!
E para fazer bocca, e se beber sem susto,
A castanha a aloirar, na cinza do magusto!

*
* *

Agora onde é que vão esses risonhos dias?...
Lucros no campo maus, e más as pescarias!

Se a invernia desaba, e vae de valle a monte,
Ou se a estiagem cae, seccando o prado e a fonte!...

Mas valor e lidar! Lidar, que anno bemdito
São Martinho nos traz no alegre veranito!

Oitubro, 93.

OS TEMPORAES

Logo entradas de outono, as aguas, desabando,
Tinham fartado o chão. Veiu tempo mais brando;
Depois dias de sol...

Propicio se pintava
Este anno ao lavrador; por toda a terra brava
Os hervaçaes a flux! Ao terreno adubado,
Sem canceira dos bois, era metter o arado.

Campeavam, largo e frio, o limpido nordeste,
E, toda azul ferrete, a abobada celeste!

Contente, a surribar, o cavador de enxada
Tinha salario bom, dispondo a bacellada.

Nem no proprio verão, com o trigo abundante,
O vinhedo avergado, e o pomar odorante,
Tem o campo alegria e reflorir d'esperança,
Como no pleno inverno, em dias de bonança!

*
* *

A esperança, a esperança!... O mar longe, movido,
Solta, de quando em quando, um lugubre gemido...

Altaneira a gaivota, e manso, á beira mar,
O maçarico esperto: o corvo a crucitar:
Amarellado o sol, e turbido o ponente;
Nublada, toda em volta, a lua no crescente:

Parada a viração... E subita, e violenta,
Cae a refrega austral, a nuncia da tormenta!

Pesado estoira o mar, pelo areal da Costa;
Sibila, range, estrala, o pinheiral da encosta!

*
* *

No seu regresso ao lar, do trabalho diurno,
Entra em casa o ganhão, calado e taciturno...

A chuva sem cessar; as aguas torrenciaes
Ameaçam, rolando, arrasar os casaes!

A lareira sem lume, a tulha já sem pão,
E urrando, lá por fóra, o negro furacão!

O pescador da Costa abandona a cabana;
Deixa filhos, mulher!... Na carreira vesana
Vae perguntar trabalho, e sem poder lograr
Companha, que se afoite ao truculento mar!

*
* *

A levada do monte augmenta a cada instante;
Não tarda a inundação!... Troa o ceu lampejante!

Sobre a torre da egreja, o raio assolador
Não respeitou, caíndo, a cruz do Redemptor!

Nem dos filhos, sequer, as pobres mães, afflictas,
Podem corar ao sol as humidas roupitas!

Não lhes dá o quinchoso, em lago transformado,
Um remedio qualquer, que levem ao mercado!

Se desponta um bom dia, o mar, nos outros dias,
Roncando, a rebentar nas broncas penedias!

*

* *

Então o camponez, vendo o lar exhaurido,
Estende a mão á esmola, entre altivo e abatido!

Março, 95.

A ARVORE DO POMAR

QUANDO passa, a silvar, o sopro da nortia,
Sem uma folha só, na força da invernia,
Como posta a tormento, ora os nodosos braços
Arrasta pelo chão, ora os ergue aos espaços!...
E o vento, em desgarrões, protervo a sacudil-a!

*

* *

Vem longe a primavera, inda não pode ouvil-a,
E abrir-lhe, com um beijo, os graciosos botões!

Então o vivo aroma, os ninhos, e as canções!
Então o lavrador, a namorar-lhe o fructo!

Agora os vendavaes, as lagrimas e o lucto,
Sem ter um só amigo, um só, a não ser eu—
Socia do meu inverno!...

É mais cruel o meu!
Que tu has de florir, em vindo a primavera,
E a mim a sombra eterna é tudo que me espera!

94...

CHUVA EM DOMINGO DE PASCHOA

Vinha março a pintar, que era um regalo o campo,
Desde a vinha opulenta até o figo lampo! —
Que ao postre, em junho abrindo, ao lado das cerejas,
Triste mesa será aquella, em que o não vejas.
Tudo, a flux, promettia um anno creador!

Porém entra a estiar, a caír o rigor
Do rispido nordeste, e a geada — um flagello,
Não sendo na sazão. O trigo, já tão bello,
Nos altos dos casaes, o faval succulento —
Que é remedio do pobre e remedio do armento —

Começam-se a sentir, e, se não vem branduras,
É contar que se vão as prosperas culturas!

Tinham dado ao pomar as caudaes da invernia
Pujança na raiz, e reflorente abria;
Mas a mimosa flor, faltando-lhe a orvalhada,
Não pode resistir, e pende ao chão queimada!

A festa, para nós, pouca alegria traz;

Se á cozinha dá graça o loireiro vivaz;
Se o cordeiro paschal já foi a degolar...
Correndo o tempo assim, fraco festim no lar!

Dizia isto comsigo o lavrador, coitado,
Suppondo ver em breve o campo devastado!

Hontem saltou ao leste o vento, de repente:
Era quasi sol posto e nublado o ponente.

A noite a recrescer de aspecto taciturno,
E o mar, lá muito ao longe, a reclamar, soturno!

*
* *

Um clarão salvador fulgiu aos camponezes.
Podia qualquer agua evitar mil revezes!

O proprio jornaleiro, a quem faltava o ganho,
— Que a crueza do chão não consentia amanho —
Deitava, esperançado, olhos ao firmamento,
Vendo que mais ao sul já se fazia o vento.

*
* *

Maioral ou pastor, homem do campo, em summa,
A consultar o ceu, da infancia se acostuma!

É que, desde o montado aos bagos da semente,
Tudo está sob a mão de Deus omnipotente!

Hoje, de madrugada, as bategas, seguidas,
Entravam a caír, do vendaval batidas...

A refrega passou, e, serena e constante,
A chuva agora vem mais propicia e abundante.

Dir-se-ha que o milharal vae a crescer a palmos!
Se depois d'esta rega acodem dias calmos,
Isso é dar, no verão, fructa a rodo e de graça!
A fructa no mercado ha tanto tempo escassa!

*

* *

Paschoa—que o lavrador sombria calculava,
De subito mudou! É procurar na cava—
Herança dos avós—o capitoso arinto,
Talvez inda melhor: espadeiro retinto!

Como o frio inda morde, accender a lareira,
Abrir o garrafão, coberto de poeira;
E saudes depois, saudes ruidosas,
Emquanto a chuva cae, á Paschoa, que é de rosas!

Março, 94.

RAPARIGAS Á MONDA

A Henrique Lopes de Mendonça

Vamos á monda! Maio florido,
Dá-nos papoilas e pouco sol.
Vamos á monda! Prestem ouvido,
Olhem o melro!... Forte atrevido!
Ri das lamurias do rouxinol!

Vamos á monda! Lidar é gosto,
Que o temposinho vae creador!
Em vindo as ceifas, o mez de agosto
Nos tira a falla, nos queima o rosto,
Nos mata á sede com o calor!

Levar a monda fio a pavio,
Que este anno abundam os hervaçaes.
Tenha-se o tempo fresco e sombrio,
Não caiam calmas de mais, no estio,
Que bem pintados vão os trigaes!

Mãos ao trabalho! Venha a cantiga!
Não se ha de a gente tambem matar.
Todas em côro! Tu, rapariga,
Não cantes essa, que é muito antiga;
Deixa, que a Rosa vae principiar.

—«Quando, á tardinha, subo a ribeira,
De volta a casa, se encontro alguem,
Galgo, n'um pulo, aquella ladeira,
Que tantas vezes me dá canceira,
Vindo sósinha, sem ver ninguem!

«Quando, aos domingos, entro na egreja,
Para ouvir missa, ou para resar,
Se dou com elle—Deus me proteja!
Valha-me a Virgem!—que, salvo seja,
Nem sequer vejo padre no altar!»

—«Tende cautela! Por esse geito,
Que ides tomando, pode ser bem...
Mãos ao trabalho! Todas a eito.
Certas cantigas puxam do peito!...
Mas olha, Iria, canta tambem.»

—«Que hei de cantar-vos, minhas amigas?
Elle... Ha dois annos que é militar,
E nem mais novas!... Ó raparigas,
Botae, alegres, vossas cantigas,
Que eu, se começo, faço-as chorar!»

*
* *

O trigo ondeia co'a aragem mansa;
Já sae dos ninhos o passarito.
Com este tempo, lidar não cança.
Tudo verdura quanto se alcança!...
Maio florido, maio bemdito!

O mar das ondas... Jesus! Maria!
Quando nas nuvens estrala o raio!
O mar das ondas nem se arripia!
Quebrou-lhe as furias da valentia
Maio florido! Bemdito maio!

Deram trindades: o sol é posto.
A lua cheia vem descorada.
Por mais dois mezes entra a de agosto,
Que a todas ellas lhes dá de rosto,
E traz as noites da desfolhada!

Maio, 94.

VIVA DA COSTA!

Com a sardinha, empilhada,
Inda saltando vivaz,
Vem de cestinha avergada;
E lá de baixo, da praia,
E sobe a pino o almaraz;
Mas nem por sombras cançada!

Faz vista de nova a saia,
Córada ao sol e puxada!

Descalça — o pé regular,
E brunido pela areia
D'essas arribas do mar.

Não se pode chamar feia.
Descaída e longa a trança;
Affrontada de calor,
O lencito desatado;
E os beiços com tanta côr
Como a d'um cravo encarnado!

A mocidade é uma flor!

Magrinha — mas que vigor
No seu passo de balança!...
E, para apressar os passos,
São duas azas os braços!

A venda deve ser boa,
Que ha muito que o mar não dá.
Com que alvoroço apregoa:

«*Sardinha frêsca!... frês-quiá!...*»

*
* *

Vem as outras companheiras
Mais atrazadas. Avante!
Ao Monte, por essa encosta!
Ao Monte, ao Pragal, e adeante,
Que ha muito que o mar não dá!

«*Sardinha frêsca!... da Costa!*
«*Viva da Costa!... frêsquiá!...*»

O pae andou labutando
Por toda a noite! Puxava,
Mal vinha rompendo o dia,
O mar com furia tamanha!...

—«Por um ai—Jesus! Maria!
Que o barco se não voltava!

Nossa Senhora do Cabo!...
Nossa Senhora da Guia!

Salvou-se toda a companha,
E tambem la pescaria!

Foi a Senhora do Cabo!...
Foi a Senhora da Guia!

*
* *

Ao monte, por essa encosta,
Que ha muito que o mar não dá!
«*Sardinha frêsca!... da Costa!..*»
«*Viva da Costa! frês-quiá!...*»

Abril, 93.

O VINDIMADOR

Entrou na adolescencia. Alto; pescoço eburneo;
Cabeça fulva, e ao vento a coma, a fluctuar...
Desde o alvor da manhã, pelos fecundos pampanos,
Alegre, a vindimar!

Pobre e quasi desnudo. Os apollineos musculos,
Á correcção e á graça, alliam o vigor!
Se um artista da Grecia o contemplasse, em marmore
Abria-lhe, a cinzel, o busto encantador!

Venus, surgindo d'entre as ondas tumidas,
Ao ver-lhe a fórma rara,
Mostrara-lhe a cintura, e, contra os peitos turgidos,
Estreitando-lhe a fronte, a bocca lhe beijara!

Setembro, 95.

BACCHO INFANTIL

Tem seis annos. É lindo! Anda na vinha,
Com os vindimadores.
Põe-lhe um d'elles, na loira cabecinha,
Corôa agreste de outoniças flores.

Entra assim no lagar.
O referver do mosto
Basta para o toldar!
Como elle ri de gosto!
As pernas cambaleantes,
As faces incendiadas,
Os olhos faiscantes,
E todo a bordejar,
Renova as gargalhadas!

Setembro, 95.

A CEIFA

Por quanto a vista alcança, ondeia na planura,
Crespa do vento, á tarde, a messe já madura!

As caudaes de dezembro, a sede do arvoredo
Fartaram na raiz. Nas vinhas e olivedo
A novidade abunda, e temol-a vingada,
Se não cae, de improviso, alguma trovoada.

Pressuroso, conflue ás ceifas da campina
O ganhão do logar, e a gente peregrina,
Que vem da Beira alpestre, em marchas fadigosas,
Affrontar, na lezira, as febres paludosas!

Mas o salario é bom, e acodem esses dias
Á invernia cruel, nas bravas serranias!

*
* *

Dardeja o sol a prumo! As joviaes cantigas
Cortaram-se na voz das proprias raparigas!

Mordido do tavão, partindo desvairado,
Busca em balde uma sombra, onde se acoite, o gado!

No pó que se alevanta, e se condensa no ar,
A sanha do calor parece coriscar!
Nem a paveia fulva, em montes, já se presta,
Pela altura do sol, ao descançar da sesta!

Na perdida arribana até o guardador
Procura refugir do tempo abrasador!

Em nuvens o mosquito!... a peste carniceira,
Que, em cravando o farpão, exulta zombeteira!

Se ao menos, na fadiga, ás horas mais violentas,
Se podessem matar as sedes truculentas!...
Porém nas vastidões, sem termo, do horizonte,
Quem logra descobrir a veia d'uma fonte?!

Na zina da seccura, atiram-se, perdidos,
Á lodacenta valla, aos charcos corrompidos!

Cae, por mais de uma vez, no campo, suffocado,
Côr d'um preto retinto, o segador, coitado!
Quando o duvide alguem, soccorra-se á palavra
Do honrado agricultor, que o Riba-Tejo lavra.

*
* *

E lembrar que no rio, á fresca dos salgueiros,
É rei o pescador!...
Coragem, pegureiros!
Além, lá muito além, aquella nuvem branca,
Que na serra apontou, traz-nos a aragem franca!

Não tarda a despregar-se a limpida nortada.
A rola, que arquejava, occulta na ramada,
Apesar de africana, agora revoando,
Já cae sobre os trigaes, a repastar em bando!

A rajada é mais longa, e curto o recalmão;
Signal de norte largo, em tardes de verão!

Mãos, com alma, ao trabalho, e venham as cantigas,
Emquanto a foice abate as tremulas espigas!

Recruzam, na campina, os lestes maioraes;
Relincha o poldro ufano; e volta dos juncaes,
Propicios pela calma, o toiro ao seu pascigo,
Onde tem feno avondo, e tem á noite abrigo!

As eguas, que, á debulha, hão de suar na lida,
Livres do jugo vil, folgam á boa vida!
Dos conjugios d'abril não as accende a chamma,
Que é n'ellas tão voraz como no cervo a brama!

O sol, ao vasto mar das messes resonantes,
No occaso ainda lhe joga as frechas rutilantes!

*
* *

Já vae perdendo o ceu a carregada tinta
Da plumbea calmaria—e todo se repinta
Do immaculado azul, que, em vindo as noites bellas,
Dá mais vivo realce ás lucidas estrellas!

O rancho juvenil das filhas do logar
Vae cantando e seguindo, alegre, para o lar!...

Que importa o labutar, logo de madrugada?
É sempre uma canção a vida na alvorada!

Julho, 88.

SETEMBRO

A Manuel Pinheiro Chagas

No chão rojam da cêpa os cachos rescendentes.
Caíndo, de manhã, branduras mais frequentes,
Bem podes acudir a vasilhame novo,
Vender vinho de graça e do melhor ao povo.

Espadeiro retinto, ha muito me não lembro
Vel-o tão grado e bom, na entrada de setembro;
Mas o arinto, talvez, inda lhe dá de rosto:
É repisal-o extreme, e então verás—que mosto!

4

Nem mesmo a amigos teus, e da maior estima,
Não tendo no lagar o fructo da vindima,
Me consintas na vinha entrada a caçadores.
—Eu fallo contra mim, que sou dos amadores,
E é pena—que a perdiz levanta-se, pintada,
Co'a prole atraz de si, por uma bacellada!

Bem assombrado outono! Assim o sol estivo
Appareça nublado, e caia menos vivo;
Que, se aperta o calor e seguem logo as chuvas,
Não tens praga peor para arrasar-te as uvas!
Mas não succede tal; findaram as nortadas;
Veiu o vento mareiro e as noites orvalhadas.

Fructa que dá no tarde, apressa-te com ella,
Que ás vezes cae no outono a subita procella:
Vem propria para cama, e pelo inverno dentro
Tens a pera colmar, sem maculas no centro.

Muscatel de pendura, em quanto o tempo brando
Lhe não estala a pelle, a deves ir colgando.

Aproveita tambem o figo que restar,
Para o passar ao sol, disposto no almanchar.

*
* *

Como é bom respirar por esses campos fóra!
Gado, é raro de ver, nedio como este agora!
As vaccas mostram bem o farto do pascigo,
No tardio avançar ao seu agreste abrigo.

A ovelhada lá vem, antes que feche a noite,
A procurar, balando, o bardo, onde se acoite;
E, aos silvos do pastor, redobra na carreira,
Levantando da estrada, em nuvens, a poeira.

O cabrito saltão, parece-me que o vejo
Do escarpado almaraz vir de roldão ao Tejo.

O remoto casal começa a fumegar.
São trindades. O sol afunda-se no mar...

O dias, que lá vão! O apartados dias
Da minha ingenua infancia e santas alegrias!
O rutilos clarões da fulva mocidade!
Tudo quanto acabou revive na saudade!
Bemdita sejas tu!—Finda a esperança, agora
Do passado nos dás o que foi bello outr'ora!

Vamos encosta acima. O olhar grato se espraia
Pelo umbrifero val, que vae bater na praia.

Nos echos nemoraes a voz das raparigas
Celebra o terminar d'asperrimas fadigas;
Mas n'aquelle gorgear, embora alegre, existe
Um vago relembrar d'alguma coisa triste!

Na canção popular ha sempre, lá no fundo,
Uma nota da cruz, que o povo tem no mundo!

Setembro, 87.

NO CAMPO E NO CIRCO

A José de Avellar

Assomadas de abril!... Que dias crystalinos,
Após o inverno bravo, apontam peregrinos!

No enflorado relvão variados os matizes;
Nos prados da grisanda, em bando, as chamarizes,
Tamanhas da felosa, e alegres e palreiras,
Co'o pardal folião, terror das sementeiras.

A andorinha, frechando insectos pelos ares;
O melro, a saltitar nos ramos dos pomares,
Rescendentes de flôr, constroe, alvoroçado,
Casa, onde a noiva esconda os fructos do noivado.

Que faiscar de luz! que azul! e que perfumes!
Vem á terra outra vez os fulgurantes numes?!
Nos echos do choupal, do rio, e da lezira,
Orpheu encantador retoma a ignota lyra?!
Entôa, n'este instante, a ardente juventude
O hymno eterno do amor nas cordas do alaude?!

Rutilantes caudaes brotam da rocha viva;
Fontes do campo agreste, em vindo a quadra estiva!
Perde o aspecto bravio o toiro sobranceiro,
Deitado no ervaçal, manso como um cordeiro!
Picado do pampilho, e se é de raça pura,
Leva tudo de vez nas pontas da armadura!
Mas agora, inda mesmo ao largo da manada,
O campino, se quer, o afasta á terroada.

Quando o vão apartar, para o correr na praça,
É que é vel-o, a entonar-se, em todo o brio e graça!
Farto de ruminar; o pello luzidio;
A orelha a estremecer; esperto o olhar bravio;
O focinho espumoso, aurindo na passagem
Os effluvios que vêm dos trevos da pastagem;
A cabeça minaz, erguida altivamente,
E os cornos a imitar a lua, em seu crescente!

Eil-o completo o curro. As chocas resonantes
Se incumbem de o levar aos pontos mais distantes.

Quando reponta algum, nos plainos da lezira,
A vara sobraçando, o maioral o vira;
E é de ver o denodo e singular destreza,
Com que sae vencedor d'esta arriscada empreza!

Ao chegar sobre a praia, assim que o boi de guia
Se atira ao Tejo a nado, áquella bizarria
Não fica nunca atraz o resto da boiada,
Que se joga á corrente, e rapido a transnada!

Ávante um pouco mais—e vamos á corrida.

*
* *

Com quanto seja abril, a calma embravecida
Referve como em julho! A praça regorgita,
E em vozear descomposto a multidão se agita.

Do sexo encantador as almas delicadas
Gostam, com avidez, das barbaras toiradas!
Em Roma, inda a vestal, a flôr da castidade,
Adorava o vigor e brava heroicidade
Do gladiador membrudo; e quanto mais corria
O sangue em borbotões, mais sangue appetecia!

Que formoso animal, urrando, entrou na praça!
Boiante, muito pé, e não desmente a raça
Da feraz Gollegã, que outr'ora prosperara.
Dois passes de capote, e peguem-lhe de cara.

Outro vem como um raio, e é boi para cavallo!
Bravo! a sorte á estribeira! — Ah! nada de cortal-o,
Por em quanto, de capa. Um bicho assim é raro;
Tão bem posto, sanhudo, e sobretudo claro!

Podia desfeitear ainda o melhor toireiro,
Se não fosse o cavallo, alma do cavalleiro!

Que applausos, a cobrir o joven amador,
Hoje o mais elegante e destro picador!

Palmas a retumbar! Os lenços agitados!
E, com mão convulsiva, os ramos atirados,
Quentes do palpitar dos seios juvenís,
Vão humilhar-se aos pés do lidador feliz!

*
* *

O combate findou. As auras matutinas,
O gado lá se vae em busca das campinas;
E o toiro, que rompeu na arena enfurecido,
Manso, o torrão nativo invoca no mugido!

Voltemos nós tambem para o campestre exilio —
Dos annos invernaes sempre ridente idyllio!

Abril, 87.

O LAVERCO

A TERRA, o mar, o ceu, tranquillos... Illumina
A lua, erguida e branca, a esphera crystalina;

Agita, com um sopro, intercadente aragem,
Das copas do pomar a lubrica ramagem.

Transbordaram, no inverno, os cantaros dos montes;
Ao influxo vernal, fervem agora as fontes.

Do robusto vinhedo os cachos, inda em flôr,
Hão de jorrar, no outono, o rubido licor.

Nos fecundos trigaes, papoilas em cardumes;
No sombrio balsedo, accesos vaga-lumes.

Do campo cultivado, e dos bravos pinhaes,
Respiram, no ambiente, effluvios virginaes.

*
* *

Pararam, do moinho, as aspas sibilantes;
Nem um gallo a cantar pelos casaes distantes!...

De toda a natureza o silencio parece
O silencio ideal do infante, que adormece!

Porém o noivo alado, o laverco, o cantor,
Que excede o rouxinol na graça e no primor,
Quando tudo adormece, e tudo se aquebranta,
Peregrino do ceu, enamorado canta!

Canta, canta, no espaço, alegre, a celebrar
O infinito do amor, no eterno verbo—amar!

*
* *

No escuso laranjal, de ramos enflorados,
Vae tributar a noiva á prole os seus cuidados.

E em quanto ella os achega ao peito fatigado,
Na fadiga do amor, que é mais apaixonado,
Elle, nadando em luz, arrebatado amante,
Improvisa um idyllio á noiva palpitante.

Até o amanhecer ha de velar por ella!
Como é divino amar! e como a noite é bella!

*

* *

Alta, no escuro azul da etherea immensidade,
Morta, que faz viver o amor da humanidade,
A lua, contemplando o venturoso pàr,
Dá-lhe o veu do noivado em rendas de luar !

Abril, 95.

DE VOLTA AO LAGAR

A Fernandes Costa

Na testada dos bois, o moço lavrador
Faz um aceno, e pára o carro gemedor.

Tira o amplo sombreiro, e, co'as costas da mão,
Limpa as bagas da fronte. É fraca a viração.

D'entre a camisa aberta, ostenta-se, robusto,
Do peito juvenil o primoroso busto.

Foi bravia a ladeira; a dorna trasbordante.
Todo em suor o gado, apesar de possante.

Fins de setembro já, porém calmoso dia!
Debaixo de um chorão referve a fonte fria.

Arqueja o lavrador, de sede e de fadiga.
Põe-lhe o cantaro á bocca esbelta rapariga.

Tentadora mulher! viva como uma estrella!
O seio, aquelle mar de duas ondas tumidas,
Palpita-lhe feliz, na virginal procella!

Elle bebe... E, matando a sede d'agua, cresce-lhe
Mais a sede do amor, cravando os olhos n'ella!

Setembro, 95.

ESTIAGEM

A Manuel Bento de Soisa

O MAR quieto.—Apenas vem
A vaga da maré cheia,
Na Costa, que fica além,
Roçar a espuma na areia.

Rufando as pennas doiradas,
Vam as calhandras, palreiras,
Preando insectos, coitadas,
Por não ter um grão nas leiras!

O azul é denso; a luz viva.
O sol referve no mar,
Como na estação estiva.
Virá o tempo a mudar?

O lavrador pensativo—
Menos triste co'a esperança
Que este calor excessivo
Traga, de facto, a mudança.

Mas, quando rompeu o dia,
Era nitido o recorte
Do sol, e uma aragem fria
Vinha do lado do norte!

A lua, nas pontas curvas,
Não tem um ligeiro veu.
E nunca as estrellas turvas!
E sempre lucido o ceu!

Depois de passado abril,
D'um anno assim não me lembro;
Nem a orvalhada subtil
Cae!—E vamos em novembro!

Levou a ferocidade
Da canicula fatal
A minguada novidade
Da vinha e mais do olival!

É que o sol triumphador,
Em seis mezes de estiagem,
Vae, como um conquistador,
Devastando na passagem!

*
* *

O ganhão da Beira alpestre
Chegou da nativa serra,
Para o trabalho campestre.
Mas como amanhar a terra?

Não entra com ella o arado!...
Queimado o tojal nos montes!
Morto, á fome e á sede, o gado!
Seccas ribeiras e fontes!

O sol alto a dardejar,
Abrazou o prado e a selva!
E o cordeirito a balar,
Sem ter um palmo de relva!

Não se ouvem cantar as noras...
Nem, no alfobre, umas verduras!...
Vem repontando as auroras,
E cada vez vem mais puras!

*
* *

O frio augmenta. Já silva,
Ás refregas, o aquilão!
Nem no vallado uma silva,
Para o cabrito saltão!

Atraz da vacca a novilha,
Já não pula na lezira!
A mãe não sustenta a filha,
Que o leite se lhe exhaurira!

O boi bravo, na campina
Erguendo a fronte, parece
Que á Providencia Divina,
Mugindo, faz uma prece!

E até se dirá que tem,
Claramente, proferido
O proprio nome de mãe,
No doloroso mugido!

Sempre coisas mysteriosas
Nas mais triviaes verdades!...
Porque são joviaes as rosas,
E tão tristes as saudades?

Canta, á tarde, um passarito —
E aquelle singelo idyllio,
Quem lh'o inspirou, do infinito,
Como um poema a Virgilio?

Trezentos mil eruditos,
Bem debruados de atheus,
Pondo esforços inauditos,
Não deitam abaixo Deus!

*

* *

O lavrador crê e espera!
Hoje o sol, ao mergulhar,
Levava enturvada a esphera,
E ao largo bradava o mar!

Morto o vento, de repente!
Tejo dentro, a calmaria!
Uma barra no ponente,
E, do nascente, a lestia!

Já retoiçaram na areia
Os maçaricos da praia.
Trouxe um circo a lua cheia:
Não tarda que a chuva caia!

Novembro, 90.

O CASAL DA ENCOSTA

A Antonio Candido

Sobre o viso do monte, e dominando o val,
Alveja o casalito, ao rez d'um pinheiral.
Quando coube em partilha ao dono que o cultiva,
Era tudo um sarçal; mas tinha agua nativa,
E terreno tambem de boa condição.

O dono, inda rapaz, um fero latagão,
Deitou-se a trabalhar, e não largava a enxada,
Desde que o sol rompia á noite já cerrada.

Pouco depois casou. A sua companheira
Não lhe ficava atraz como mulher fragueira.

N'um casal solitario, embora o passaredo,
Logo pela manhã, chilreie no arvoredo,
É precisa outra voz, a voz d'uma creança!

Nasceu-lhes uma filha. Inda com mais pujança
O pae lidava só no seu torrão estreito:
A mãe trazia agora a creancita ao peito.

*
* *

Tinha bom lançamento a nova bacellada—
Era o grande remedio!—o pão não deixa nada.
Mas pôr vinha de manta em chão barroso e duro,
É canceira cruel! Co'a mira no futuro,
Com os olhos na filha, e trabalho inaudito,
Logrou tornar rendoso o breve casalito.

Foi crescendo a pequena. Houve uns annos seguidos
De colheita feraz; os vinhos bem vendidos.
O parco lavrador, fazendo economias,
Sonhava no porvir mais descançados dias!

Sonhar, sonhar, sonhar!... Não ha senão sonhar
Co'as coisas ideaes! — a peste é o despertar! —
Sonha o bronze tambem, saudando os desposados:
Acorda! e dobra... E dobra o dobre dos finados!

*
* *

Veiu um dia nublado, e ao mesmo tempo quente.
Aquillo foi um raio! — O *mildio*, de repente,
Como a chamma voraz, lavrou! Tudo queimado;
Parra e cachito em flôr! Um anno desgraçado!

Ao *mildio* succedeu, raivando, o phylloxera,
E arrazou-lhe o vinhedo, aquella besta fera!

Ha dois dias passei pelo Casal da Encosta.
A tarde era um encanto! O mar quedo na Costa!
Na soleira da porta, avisto o lavrador,
Sentado e taciturno.
—«Então, ó Salvador?...
—Isto, agora, o remedio é deitar mão á enxada;
Mas o trabalho falta, e não fazemos nada!

Apertou a cabeça entre os punhos cerrados,
Co'as lagrimas no peito—irmãs dos desgraçados!

A um lado da lareira, apagada e sombria,
A mulher, a cantar, a filha adormecia!

Que singular poder tinha o mavioso canto...
Era alegre a canção, porém a voz um pranto!

Maio, 96.

A DESGARRADA

A José de Soisa Monteiro

Vae creador o tempo! As chuvas outonaes
Deram veia fecunda ás nascentes reaes!

O toiro no hervaçal avondo tem pascigo.
Em se amanhando o campo é ver pular o trigo!

Na lezira a caudal não foi de foz em fora,
E deu vigor ao chão. Cae a geada agora,
Que alimpa os olivaes e é bom adubo á terra.

Soutos e chaparraes, nos declivios da serra,
Tem a funda raiz das aguas regalada!

Soberbo o laranjal. Tambem, á bacellada,
Propicia lhe correu nas mantas a invernia!

Sopra um norte cruel! Inda não rompe o dia;
Mas o meu lavrador, aqui vizinho, encara,
Seja que tempo for, sempre co'a mesma cara!

No alto d'este casal, geando, as carambinas,
Cortam, co'a perfeição das laminas mais finas!

E elle a tanger os bois! Amante das estrellas,
Diz que as manhãs assim são asperas, mas bellas!

Agora lá faisca a estrella matutina,
Mensageira do sol, e noiva peregrina!

Deita ao timão do arado, a mão calosa e forte.
Com o alvor da manhã, vae-se abrandando o norte,
Mas a briza é glacial!

Os bois, de amplos ilhaes,
Possantes, olho bom. Formosos animaes!

Testa encarapinhada; ambos da mesma altura;
Como gemeos, na côr, na pinta, e na armadura.
Os sadios pulmões enchem d'ar penetrante:
Cabeça alevantada, a venta fumegante!

*
* *

Auras do amanhecer infundem alegrias
Até no coração das feras mais bravias!

Venha a agreste cantiga, a jovial desgarrada:

«Estrella da madrugada,
Ai! como és bella!
Quem na terra não tem nada,
É bem que tenha uma estrella
No fundo azul da alvorada!

Já lá vem o sol abrindo,
Pelas bandas do levante.
Olha como o sol vem lindo!

—Chega-te ao rego... Eh!... Galante!

«Por esses ares, voando,
Vão altas as cotovias,
Mais as calhandras em bando!

Não me alembro,
Da primavera ter dias
D'um sol, de brilho tamanho
Como este sol de dezembro:
Solzinho de Deus!...

—Avante!...
—Chega-te ao rego!... Eh!... Castanho!...
Chega, chega!... olá!... Galante!

«Lá baixo, as terras do arneiro
—Anno de pasto abundante!—

São como pingue nateiro
Agora para o rebanho!

—Chega, chega!... Eh!... oh!... Galante!
Chega-te ao rego!... Castanho!

O dia vae recrescendo;
O gado sempre lavrando,
E alegre, de quando em quando,
A desgarrada rompendo!

As arveloas sobre a terra,
Do ferro agudo movida,
Aos bichitos fazem guerra:

Sempre a lucta pela vida!

São bois de vigor estranho,
Mas começam de cançar;
E o lavrador, vigilante,
De vez em onde a bradar:

—Chega, chega!... Eh!... oh!... Castanho,
Olha a aguilhada... Galante!»

*

* *

Vae-se o sol a afundar. Agora, na invernia,
Logo que o sol se põe, desapparece o dia.

Quando é duro o torrão, a canceira é tyranna!...
Soltos, mugindo, os bois lá vão para a arribana.

De novo o lavrador, cantando a desgarrada,
Voltará amanhã!

Quem é pobre, e quem lida,
Aligeira, a cantar, o peso d'esta vida!

*

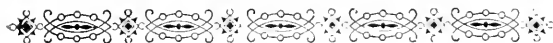
* *

Alagado em suor, apesar da nortada!
Quasi sem descançar, durante o dia inteiro!

Labutar, labutar! Tem o campo estes dias!...

Na gleba, fresca ainda, afincou a aguilhada;
Poz debaixo do braço o seu amplo sombreiro;
Enclavinhou as mãos...

Davam Ave Marias!

Janeiro, 93.

ALEMTEJO

Ao Conde de Valenças

Quasi por toda a parte o Alemtejo é bravio!
Ribeiras torrenciaes no inverno; mas no estio,
Na zina do calor, debalde o forasteiro
Procura fonte fria, ou limpido ribeiro!

Não se encontra a aldeota, o alegre casalinho,
Como na Beira alpestre, ou no viçoso Minho.

Solitarias vereis as villas, as cidades;
Praças, que tanta vez, em remotas edades,
Com a torre altaneira, e vetustas muralhas,
Regorgitaram sangue, em centos de batalhas!

Ao parco lavrador dão-lhe um ar montanhez,
O baculo, os ceifões, o seu chapeu braguez.

Estatura mediana, adusto, e decidido,
Como homem que, da infancia, em brenhas tem vivido;

Porém dentro de casa, e sem ser abastado,
A mesa é sempre farta, e o lar aconchegado:

Que o trigo ondeia em maio, e a glande do sobreiro
Cae, refartando o cerdo, ao sopro de janeiro!

Nas casas principaes, ninguem lhe dá de rosto,
Ao franco alemtejano, em bizarria e gosto!

O pobre guardador tem horas pavorosas,
Aos austros repellões das noites tormentosas!

Só, no campo deserto, as levadas rugindo,
E o secular montado ás ondas rebramindo!

*

*   *

Para um bom caçador, n'aquelles mattagaes,
É que, em tempo propicio, os dias são reaes!

Sobre tudo no inverno. As bandas de trocazes
Escurecem o sol, ruidosas e vorazes!

Acudindo á negaça é que é vel-os caír!
Nem destro atirador terá mãos a medir!...

No enroupado azinhal, a flux, as gallinholas;
Pelos regos das chans, as pintadas t'rambolas.

Apesar da traição de laços e abuizes,
Nos soutos e estevaes abundam as perdizes!

O veado saltão tambem não falta alli;
Na gandara, amanchado, o crespo javali!

Aos coelhos, isso então, os podengos espertos,
Atroam, maticando, os barrocaes desertos!

Depois de uma batida é que appetece o *monte*:
Cortemos para lá, que o sol vae no horisonte.

*
* *

Monte antigo, a campear, nas herdades de Castro:
Á plena luz do dia, o caio é de alabastro!

Ladrilhada a cozinha; um brinco a cantareira;
Para os tóros de azinho, esplendida a lareira!

A baixella vulgar, suspensa das paredes,
Oiro e prata a julgaes, quando da entrada a vêdes!

Não refulge o salão das vivendas mais ledas,
Como aquella cozinha á luz das labaredas!

Dois amigos!... Palrar, emquanto as carambinas
Vão caíndo, ao gear das noites crystalinas!

Fica na raia o *monte*. Em o sino vibrando,
Do pincaro da torre, o som, embora brando,
Dá rebate em Hespanha. Alegre lhe annuncia
A boda, o baptisado, a feira, a romaria!

E, emfim, tambem lhe diz que á sombra do cypreste
Se pode descançar no cemiterio agreste!...

Voz sonora do bronze, amiga companheira,
Que nos segues do berço á valla derradeira!

Junho, 96.

HYMNO DOS CAÇADORES

A Eduardo Montufar Barreiros

Chamar os monteiros,
Ao som da buzina!
Partamos, que a aurora
Lá vem crystalina!

Rapazes, chegámos
Ao *Quinze d'Agosto:*
Bater as perdizes,
Desd'alva ao sol posto!

Na força do dia,
Sem sombras, nem fontes,
Com alma, e com pernas,
Dobremos os montes!

Porque as perdigotas,
D'esta creação,
Tem guizos nas azas,
Como um perdigão!

*
* *

Agora é preciso
Descanço, uns momentos,
Que os cães, com tal calma,
Não caçam a ventos!

O sitio convida...
Ao pé da ribeira,
E á sombra copada
Da velha azinheira!

Fardel para a frente,
Que vem do melhor!
A sede não falta,
E a fome é maior!

No estio, no outono,
Do inverno aos rigores,
Por mattos e serras,
Só nós caçadores!

* *
*

Os cães descançaram,
E já tem narizes,
Que a tarde refresca:
Bater as perdizes!

Mas depois, na volta,
Olha a *conversada:*
Não mostres a rede,
Se a levas *pintada!*

Cautela comtigo,
Se *vens á janella;*
Que te jogam biscas,
Em face da bella!

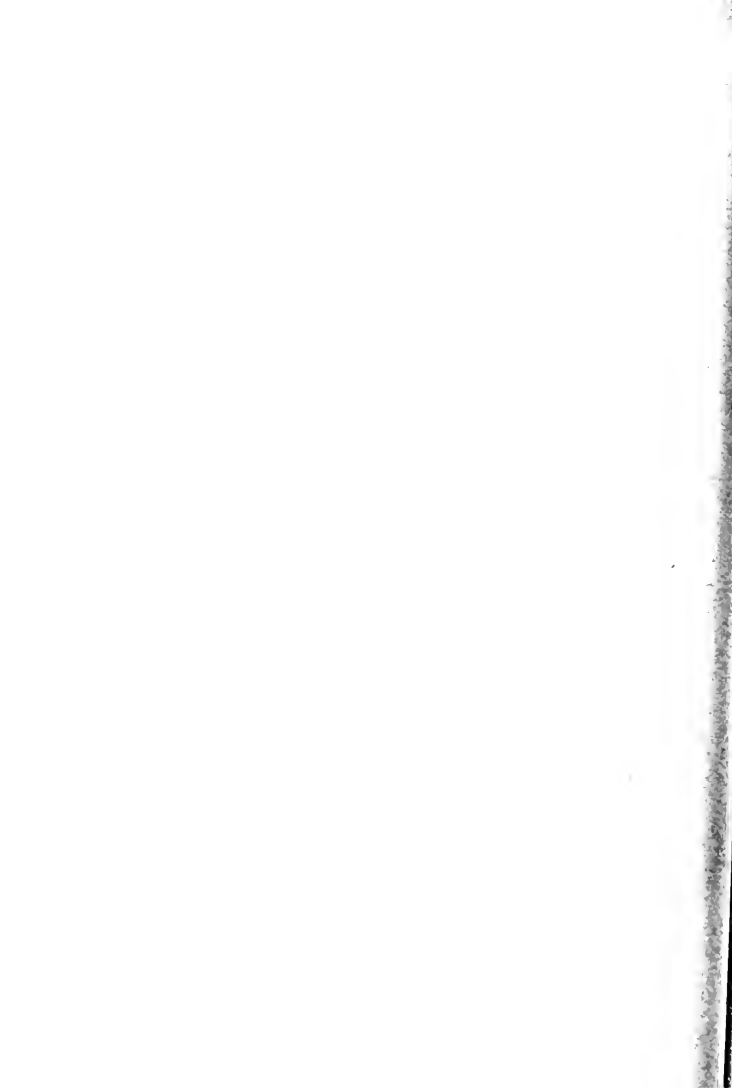
É dobrar os tiros,
Sem grandes farofias,
E dar dois bigodes
A certos basofias!...

Nos gelos do inverno,
Nas calmas de agosto,
Bater os montados,
Da aurora ao sol posto;

Por brutos fraguedos,
Por bravos sarçaes,
Por essas encostas
De agrestes pinhaes!

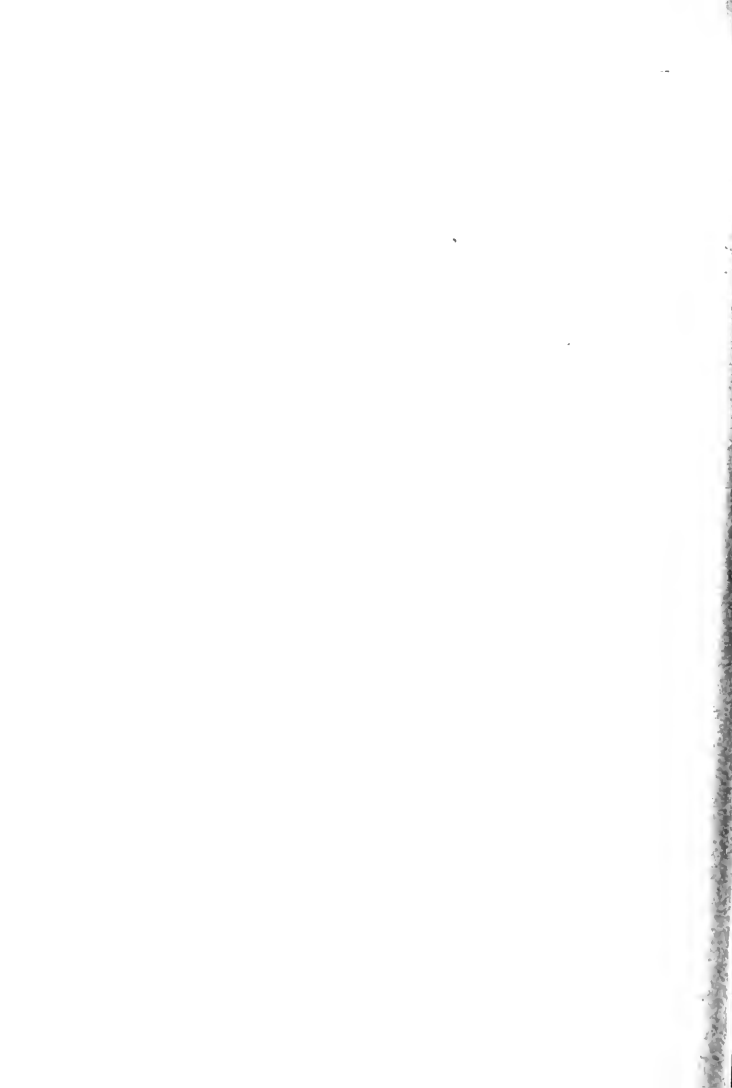
*
*   *

Chamar os monteiros,
Ao som da buzina!
Partamos, que a aurora
Lá vem crystalina!

Junho, 96.

SENTINELLAS PERDIDAS

Foram crescendo a par;
São irmãos, e do pincaro do monte,
Dominam, todo em circulo, o horisonte
Da Costa brava, e do sanhudo mar!

Nas grandes invernias,
Sentinellas perdidas, dam signal—
Sempre álerta, n'aquellas serranias—
Ao remoto casal,
Nos silvos das frondeadas ramarias,
Que se approxima o furacão austral!

Junho, 96.

O OLMEIRO

A Zacharias d'Aça

O MACHADO fatal já lhe truncara
O collo aos companheiros;
Porém elle ficara,
Por ser o mais umbroso dos olmeiros!

Campeava só, no cimo da chapada,
Quando uma tarde, em maio,
Vindo a correr da serra a trovoada,
O assombrou com um raio!

Foi-se-lhe ao chão a rumorosa fronte!
Não podendo abrigar o caminhante,
Ninguem fazia caso do gigante,
Solitario no monte!...

Chegando a primavera,
Pelo tronco, desnudo,
Entraram-lhe a trepar as folhas d'hera!

O solicito amor previne tudo!
Agora podem vir gelos de inverno,
Que elle aos hombros já tem, soberbo e eterno,
Um manto de velludo!

Junho, 96.

REGRESSO AO LAR

A Alberto Pimentel

Já lá vam tormentas! Singular brandura!
No rigor do inverno tempo de encantar!
Mas não entra a enxada com a terra dura,
E os ganhões, coitados, andam á procura
De encontrar trabalho, sem podel-o achar!

No areal da Costa não rebenta a vaga;
Todo o mar sereno! Pobre pescador!...
Lança em vão os olhos... Da deserta plaga
Não descobre ao longe nem signal, que traga
Negra de sardinhas, ondulando á flor!

A mulher, á porta, de expressão sombria...
Que fazer lá dentro?... O pequenito dorme.
Sem ter lume acceso todo o santo dia!
No interior da casa frio que arripia;
Na calada aldeia uma tristeza enorme!

Dias após dias de ceu resplendente;
Nem a primavera com mais luz se alegra!
Vae faltando aos gados o relvão virente...
Não dá nada a terra... nada o mar dormente!...
Como o tempo é lindo, e como a fome é negra!

Vem as creancinhas, mal o sol raiando,
Procurar remedio... Onde encontral-o? Some
A estiagem tudo! Desditoso bando!
Ninguem dá esmola; porém vam cantando!
Cantam, coitaditas, a enganar a fome!

Nem na vinha o cacho; nem na balsa a amora;
Sopra o norte agudo, que é de trespassar:
Cae o sol nas ondas, rubro como a aurora!...
Como a noite é triste para a infancia agora,
Sem o pão na tulha, sem clarões no lar!

Janeiro, 96.

TROVOADA DE MAIO

Ao nascente e ponente as nuvens, tumidas,
D'uma tinta opalina;
A prumo atira o sol as frechas rubidas,
Sobre a vasta campina!

Zumbe o tavão!... Desnuda da loriga,
Refoge a ovelha, e no redil se abriga.

No fechado pomar não canta um passaro!
Não tem agosto mais calmoso dia!
Um pé de vento ruge e passa subito;
Recae de novo a morta calmaria!

Vam-se adensando e recrescendo os cumulos!
Ouvem-se, ao longe, roucos estampidos!
Como aterrado, o proprio mar indomito
Solta na Costa lugubres gemidos!

Rebenta a trovoada em raios rutilos!
Pela charneca tresmalhado o armento;
Cospem as nuvens saraivada estridula;
No Pinheiral d'El-rei braveia o vento!

*
*   *

Salta a rajada ao norte, e franca, e limpida,
Varre os sestros bulcões!... Já se illumina
De sol radiante a esphera!... e, toda em lagrimas,
Na esmeralda do olhar ri a campina!

Maio, 96.

O NOVILHO

Um domingo de feira
Mandaram, amarrada,
A' conta do pastor,
A bezerra — coitada!

Soltaram o novilho. O prado — todo em flôr!
A arribana — deserta! O dia creador!

O novilho — a mugir!... A vozear a feira.
E elle, sempre a mugir, chamando a companheira!

Lá, em baixo, no valle, espiram, confundidos,
Os echos festivaes, e os dolentes mugidos!

Julho, 96.

EDADE MEDIA

A D. João da Camara

PRIMAVERA — ceu limpo, sol ponente,
A viração subtil—
Alento virginal
D'uma tarde de abril!

Nem um rumor!... O par adolescente,
No primeiro arraiar da adolescencia—
Alvorada do amor, inda inconsciente—
Pela primeira vez
Sobe, em silencio, o monte, e lentamente!

Corre, ás soltas, nos picos da eminencia,
A cabrada montez
Em cata da malhada!

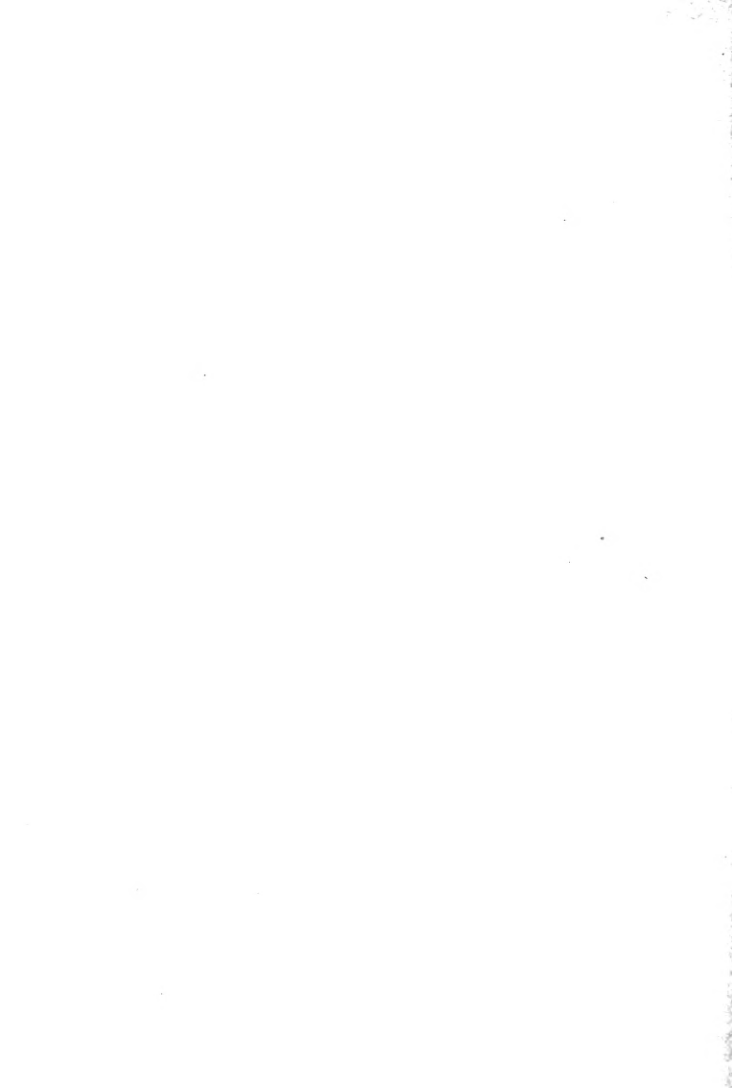
Não lhe tem mão ninguem...
A pastora, calada. Elle tambem
Os novilhos brincões deixou fugir!...
E lá vão, na assomada,
A pular, e a mugir!

*
* *

Nos dois zagaes, que singular mudez!...
O dia morre... É sombras todo o val.

Param ambos, no cimo da collina.
Como os inunda a tinta crystalina
Do romper matinal?...

Vendo a aurora do amor n'elles agora,
O sol posto, n'um raio triumphal,
Deu-lhes um beijo, anticipando a aurora!

Março, 96.

GLADIADOR DO CAMPO

A Julio de Vilhena

NEM fructos no pomar, nem nos vinhedos;
Vem as folhas ao chão, de dia a dia;
Troa a vaga nos concavos rochedos,
E nas brumas se envolve a serrania!

Desabando das crespas ribanceiras,
Inda barrentas correm as levadas;
Trasbordam, espumantes, as ribeiras;
Das campinas refogem as manadas!

O velho castanheiro acurva a fronte,
E desnudos o freixo, a faia, o olmeiro;
Mas, d'entre as brutas fragas, o sobreiro
Ondeia ufano! Gladiador do monte!

Na adarga tresdobrada,
Que lhe resguarda o tronco sobranceiro,
Bate e rebate, em vão,
A carga da estralante saraivada,
Nas lufadas do torvo furacão!

Firme no circo!... A' terra vinculado—
Leão captivo, embora—espera o embate,
Que vem das proprias nuvens disparado,
E provoca o combate!

A noite funda; a serra alcantilada;
O raio a fuzilar!
E elle não geme, ruge co'a rajada,
Como na costa bronca ruge o mar!

Ao luctador altivo e generoso,
Só consegue a tormenta,
Do elmo, sempre viçoso,
Sacudir-lhe um encargo, e já pesado:
A glande succulenta,
Gloria opíma das varas do montado!

Maio, 96.

DE VOLTA Á MALHADA

O PINHEIRAL d'El-rei, perto do Monte,
Corre ao longo da Costa. Na invernia,
Quando as nuvens lhe achatam o horisonte,
E lhe sacode o sul a ramaria,
A' resaca do mar junta os gemidos!

Ulula, range, estrala, grita, implora!
E, como o proprio mar, solta rugidos,
Ao crescer da tormenta assoladora!

*

* *

Hontem, porém, o norte limpo e brando,
Das cordas da ramagem sonorosa,
Arrancava-lhe uns sons, de quando em quando,
Semelhantes á nota peregrina
Da tristeza amorosa
Da leve casuarina!

Quando era moço e amava,
Como essa nota divina
Me arrebatava!...

E hontem ouvi-a
Apenas echo sumido,
Que a minh'alma conhecia
De quando tinha vivido!

*

* *

O campo falla e escuta! São auritos
Os grandes arvoredos!

Caudaes, ribeiras, fontes, passaritos,
Correspondem ás nossas confidencias,
Contando-nos segredos!

Fundem-se em nós aquellas existencias,
Que tem auroras, noites, tempestades,
E a folha morta!... E, como nós—saudades!

*

* *

Os corvos altaneiros,
Na direcção do mar,
Saíndo dos pinheiros,
Seguem a crucitar!

Sol posto. Lá, distante, da jardia,
Vem o rebanho. Andou, desde a alvorada,
A pastar todo o dia.

Cheguemos á Malhada.
Fizeram-na campeira,
Que o fato é grande, alegre e saltador!

A' rez, que se tresmalha, o cão da Beira,
Um rafeiro de raça,
Latindo, a faz voltar.

Vozeia, ameaça,
Silva, e floreia o baculo, o pastor!

Aos latidos, aos silvos, ao vozear,
Aos berros da cabrada,
Que vem, a tilintar,
Correndo á desfilada,
Retumba o pinheiral!

Esteril, desmandado,
Foge o gado maninho; e, socegado,
Entra o fecundo alfeire no curral!

*

* *

Trazem as cabras, rebentando, os uberes!
Começam-se a ordenhar. Dá, qual mais mansa,
Um tarro, a trasbordar, de leite espumeo!

A' porta da Malhada, o cão descança!

Agosto, 96.

O PINHEIRO BRAVO

A José Thomaz de Soisa Martins

Assustada de um tiro, esquiva rola brava,
Deixou caír do bico um pinhão. Rutilava
O sol canicular. Celeste semeadora,
Achou fertil o chão, fosse o terreno, embora,
Quasi de rocha viva, e contraria a estação!

Correram annos já. Quantos annos lá vam!...
E o pinheiro bravio, esbelto, a frondear,
Nas escarpas da Costa, a pique sobre o mar!

Em vindo a primavera, a rola forasteira
Vae lá crear a prole, onde outra companheira,
Um dia, ao perpassar, lançara dos espaços
O fecundo embrião, que deu aquelles braços!

Ha trinta annos... Ha mais! na minha mocidade,
Á caça, quanta vez logrei a amenidade
Da tua grata sombra, em dias de verão!...

Saudavas-me, a cantar, co'a fresca viração!
Ondulavas ufano, em quanto a minha mente
Ondulava tambem, sonhando alegremente!

O moço montezinho, e a cabrada offegante,
Buscavam-te o sopé, na calma coruscante!

Os rapazes, trepando, iam roubar-te as pinhas,
E tu, como bom pae, nos braços os sustinhas!

Da cruel granisada, em tempos d'invernia,
Muita vez me abrigou a tua ramaria!

O furacão austral não te insultava a fronte—
Em pé, robusto, e só, no pincaro do monte!

*
* *

Hontem, quando subia o serro alcantilado,
Ouvi soar, ao perto, uns golpes de machado...

Chego, e vejo o trunqueiro a jogar-lhe á raiz
O ferro dendroclasta! A coma do infeliz
Entrou a vacillar, e rangia-lhe o tronco,
Por um fio agarrado inda ao penedo bronco!

Mais um golpe... Baqueou! Julguei ouvir então
Caír em cova enorme um enorme caixão!

Dos vãos da rocha alpestre o funebre ruido
Rolou até ao mar, e acabou n'um gemido!

Pouco antes de morrer, ao mar, seu companheiro,
Mandava-lhe um suspiro, o colossal pinheiro!

*
* *

Eu, quando o vi tombar no dorso da montanha,
Com a copa abatida, as raizes lascadas
Pelos golpes brutaes d'aquellas machadadas,
Senti no coração entrar-me dôr tamanha,
Como se n'um jazigo,
Aberto na montanha,
Me caísse um amigo!

Setembro, 93.

LYRICAS

CARTA

Meu rapaz: Tu promettestе
Vir passar commigo um dia;
Põe cara ao rijo nordeste,
E não tremas da invernia.

A casita é confortavel,
Com dois palmos de quintal;
Porém tem vista agradavel,
Que abraça do monte ao val.

Poucos livros; escrever
Alguma carta a um amigo,
Sem pretenções, e a correr,
Como hoje faço comtigo.

Tambem cá leio os jornaes,
Mas com certa parcimonia;
Que, ás vezes, vem casos taes,
Que pregam noites de insomnia!

Um velho d'estas regiões
Anda quasi mentecapto,
Com ler que engendra milhões,
De improviso, o syndicato!

A's vezes rio de ver,
Empavonado em portento,
Um pobresito qualquer,
Sem estudo e sem talento.

Por exemplo: um tal, que em versos
Media de foz em fóra,
Furou caminhos diversos,
E deu-se a critico agora!...

Tem o supremo consolo
De julgar-se um potentado;
Sabendo todos que é tolo
De lombo descarregado!

*
* *

Fui fragueiro desde a infancia,
E do campo a solidão
Aviva em mim a fragancia
Das crenças do coração!

O marinheiro acredita,
Longe da patria e dos seus,
Na Providencia infinita,
Como o homem do campo em Deus!

Newton, genio manifesto,
Chama á Providencia—Mãe!
Darwin, muito mais modesto,
Chama Pae... Sabes a quem!

Eu deixo a contenda aos sabios,
E sinto o amor infinito
De Deus eterno, nos labios
Da mãe, que beija um filhito!

*
* *

Aos pairos a cotovia,
Impaciente pela aurora,
Lá vae a chamar o dia,
Por esses espaços fóra!

Tambem, surgindo, a alvorada,
Com seu radiante cortejo,
Paga á sua enamorada,
Dando-lhe o primeiro beijo!

Rompendo o sol é que é ver
O campo todo animado;
As ovelhas no alcacêr,
Os bois a puxar o arado;

A' rabiça o lavrador,
Cantando agreste cantiga,
Com que aligeira o lavor
D'aquella rude fadiga.

As enxadas reluzentes—
Gladios heroicos do povo—
Pelas encostas virentes,
Mettendo bacello novo.

As raparigas, em bando,
A dar a viveza aos campos,
Que em agosto, rutilando,
Dão á noite os pyrilampos.

Maticam os cães—signal
Que a lebre sae do covil.
E na aberta do pinhal
Um, dois tiros de fuzil.

Lá mais distante, no mar,
A companha alvoroçada,
Alegremente a vozear,
Tirando a rede pesada.

Eis o esplendido scenario,
Que, por ser da terra, tem
Umas cruzes do Calvario,
No cemiterio d'além!

*
* *

Parece o tempo seguro;
Firmou o nordeste já.
O sol amanhece puro.
Cumpre a promessa, e vem cá.

Aqui ha relvas viçosas;
Mas, co'as rispidas manhãs,
Como nos faltam as rosas,
Traze-me as tuas irmãs.

Que então direi, vindo abril,
Todo ufano de esplendores:
—«Fui eu, já quasi senil,
A dar-te as primeiras flores!»

Janeiro, 89.

MULHER

DIZEM que findou teu reino!
Os modernos ideaes
Só querem a flor do lotus,
E mais as lettras *versaes!*

Que será feito de ti,
O' padroeira do lar!
Sem palmas e sem romeiros,
Sem luzes no teu altar!

Mulher! O supremo ideal,
Não t'o ha de roubar ninguem;
Que no ceu és Mãe de Deus,
E na terra és nossa mãe!

90...

O CRAVO RAIADO

Trazia um cravo ao peito. O cravo era raiado;
Os raios côr de sangue! As garras do falcão,
Caíndo em pleno azul, teriam já rasgado,
Da pomba palpitante, o casto coração?...

Raiado ainda de sangue, a pomba, morta e fria,
Trazia, posto ao peito, o cravo no caixão!...
Sempre, no pleno azul d'aquelle infausto dia,
Caíra, sobre a pomba, o rapido falcão!

Junho, 89.

ÁS DUAS FILHAS

DE

MANUEL BENTO DE SOISA

Das rosas da mocidade,
Que tendes no coração,
Para a minha solidão
Levo o espinho da saudade!

Mas este espinho, direi,
Apesar de pungitivo,
Conserva o perfume vivo
Das rosas de que o tirei!

Quinta das Torres, Azeitão. Oitubro, 94.

ESMOLA!

Mezes e mezes de inverno,
E nem uma rede ao mar!
Isto é que é ver a miseria,
Sem a poder amparar!

As raparigas não correm,
Com as cestas avergadas,
Gritando: «*Viva da Costa!*»
Pedem esmola, coitadas!

Os paes, deixando as cabanas,
Procuram dar volta á vida;
Mas, como afoitar um lance,
Se é tudo costa batida!

As ondas, com a tormenta,
Entraram pelo Juncal:
Lá vão os tectos de colmo,
Na furia do vendaval!

—«Nossa Senhora do Cabo!
Nossa Senhora da Guia!
Mãe de afflictos peccadores,
Vale-nos, Virgem Maria!

Tu geraste, em nossos peitos,
O leite do amor materno;
Tudo nasce, e nada morre,
Com o teu amor eterno!»

Assim as mães erguem preces,
No rigor do furacão;
E os filhos, todos em roda,
Chorando e pedindo pão!

Não carregamos as tintas
D'este quadro pungitivo;
Que elle, na propria verdade,
E' mais tocante e mais vivo!

Esmola, em versos humildes,
Imploramos nós tambem,
Para as pobres mães da Costa,
Por alma de quem Deus tem!

Abril, 95.

MADRIGAL DOS POUCOS ANNOS

Olhos verdes, olhos verdes,
Como esmeraldas! Senhora,
Ah! senhora, que me perdes!

Sendo verde a côr da esp'rança,
Senhora dos olhos verdes,
Julguei-me em mar de bonança!

Mas, de improviso, notei
Que era negra a vossa trança!...
E, por subita mudança,
Com a tormenta me achei!

Será que mofina sorte,
N'uns olhos côr de esperança,
Me queira trazer a morte!...

Pois na antithese da côr
Dirá minha sina escura,
Que vós guardaes a ventura,
E me daes a mim a dôr?

Com motivos de vingança,
Esta cabeça perdida,
Nas voltas da negra trança,
Estrangulae-m'a, co'a vida;
Que é bom quanto vós fizerdes,
Senhora dos olhos verdes!

Porém só por m'os volverdes!...
Tende mão, ai! tende mão —
Se é que mataes sem quererdes,
Se haveis algum coração!...

Olhos verdes, olhos verdes...
Ah! minh'alma, que te perdes!

Maio, 96.

RIMAS POBRES

Como é singelito o assumpto,
Vamos ás rimas singelas;
Tambem as flores do campo
São singelitas, mas bellas!

Aqui as vejo, depois
D'alguns leves aguaceiros,
Tão viçosas, tão bonitas,
N'estes bravios balseiros!...

As pereiras e gingeiras,
Como cobertas de neve,
Deixam caír os seus frocos,
Ao sopro da aragem leve!

Nas mantas, a bacellada,
Pelos cachitos que deita,
Ao menos, em tanta mingua,
Promette farta colheita!

Nas chapadas de trigaes—
Bem mal pintados agora!—
As afogueadas papoilas
Rompem, como o sol na aurora!

Ennastradas nos cabellos
De pobre rapariguinha,
Floritas são diademas;
Que a mocidade é rainha!

No seu delicado aroma,
No seu variado matiz,
Recordam-me os dias limpidos,
Em que era moço, e feliz!...

Sim, a flor da juventude,
Que vem na aurora do amor,
Depois da noite cerrada,
Com ser saudade, inda é flor!

Inda, depois de acordados,
Para este nada real,
Uma chimera, um vão sonho,
Nos dá o eterno ideal!

Abril, 96.

A JOSÉ IGNACIO DE ARAUJO

Depois do ceu rutilante
Pelo limpido nordeste,
Veiu agora, e sibilante,
A desabar sudoeste!

No horisonte os negros cumulos!
Na costa o mar a estoirar!
E sabe Deus quantos tumulos
Se abrem no abysmo do mar!...

10 *

O arvoredo, onde sorria
Alguma florita, agora,
Co'a força da ventania,
Torce os braços, geme e chora!

Não só aos homens coubera,
O pranto, na eterna dôr!
Chora no antro a besta fera,
E chora no campo a flor!

No cimo d'este almaraz,
Paremos alguns instantes...
Para o ceu, chato e minaz,
Cospem as ondas fumantes!

Uma vela, muito ao largo,
Demanda a barra. Coitados!
Sabe Deus que transe amargo
Para aquelles desgraçados!...

*

*   *

Não seja o tempo fatal
Aos do mar, e ao pescador;
Que o mais este vendaval
É propicio ao lavrador!

A chuva cae.—A estiagem
Apertava novamente—
Dentro em pouco, a paizagem
Toma um aspecto ridente!

No relvão, o trevo agreste,
E, no ondulante trigal,
A papoila, que se veste
Com a purpura real!

A tudo chega o thesoiro
D'esses dias encantados!
Até abre, em flores d'oiro,
O tojo pelos montados!

Irão livres, campo fóra,
As moças, de madrugada,
Soltando notas da aurora,
Como o clarim na alvorada!

E a noiva pode encontrar,
Na larangeira sombria,
A flor, que ha de desfolhar,
Na noite d'um certo dia!...

Não ha como a primavera!
Do pardal ao rouxinol,
Tudo ama, e, cantando, espera
Desd'alva até posto o sol!

Nós, da rosa, e da violeta,
Em summa, da mocidade,
Já não temos, meu poeta,
Mais do que alguma saudade!...

Não importa! Em vindo abril—
Deus o traga! D'invernia,
Bem basta a propria senil!—
Venha cá passar um dia.

Conhece a casa. E' modesta;
Mas, em surgindo um amigo,
Parece um castello em festa!...
Traga-me o Urbano comsigo.

Março, 91.

O POLITICO

Atiram-lhe a matar!... Elle resiste á morte,
Vibrando o ferro audaz! E' destemido e forte.
A terra onde nasceu accende-lhe no peito
O amor, que vae do berço até o extremo leito!
Rompe!... Chega ao poder, levantam-lhe calumnias.
Conhece as almas vis, e co'a palavra, pune-as!
O parlamento applaude, e applaude a galeria;
Mas a calumnia vem; vem na sombra, e porfia,
Fincando a garra adunca! Outra vez repellida,
Brota da propria infamia, e cresce, e tem mais vida!
Pavoneia-se ao sol; deita pregão na praça;
Entona-se na imprensa, e, carrancuda, ameaça!

A's vezes, folgazã, diz coisas em que a invidia,
A sua gemea, exulta!... Esconde, na perfidia,
O rancor que lhe roe o coração obsceno!
Beija, no solio, o grande, e joga-se ao pequeno;
Mas se o pequeno trepa, e o grande baqueia,
Com o espolio real, voraz, se banqueteia!
Entra por toda a parte, e come a toda a mesa;
Preferindo viver nos ocios da riqueza!
E n'esse meio, então, reptil desenroscado,
Colleia, silva, e morde em tudo que ha sagrado!

O politico, pois, ou tem de succumbir,
Ou curvar-se á calumnia!... E a calumnia a sorrir,
Se o vê tocar a meta; e, se o vê deshonrado,
Co'a a voz diffamadora applaude o potentado!

Agosto, 93.

O PRODIGIO

Dando vasão propicia aos genios consummados,
O curso de Direito abastece os mercados!

Agora um orador.

—Que extraordinario verbo!...
Raro parlamentar, tão fino, como acerbo!
Já se escutou, no rostro, alguem que mais subisse?!

—Mas ninguem percebeu nem sombras do que disse...

—Não importa; um engenho!... Entreguem-lhe o poder:
Que estadista real não temos para vêr!

Quando muito rapaz, usava gorro phrygio;
Mas agora mudou.

—Onde pára o prodigio?

—Não pára em parte alguma. Eis o que mais espanta!...
Recolhe ás tres da noite; ás quatro se alevanta!

Na Havaneza, no Gremio; em *rauts*, em jantares:
Nos fulgidos salões; nas festas familiares...
Sempre a surgir-lhe o nome, escripto a lettras d'oiro,
Pelo punho do genio, em portuguez de moiro!

Director de jornaes, e de jornaes politicos;
E' poeta, tambem, e principe dos criticos!

Que poder creador de cerebro pasmoso!
Tem tempo para tudo, e em tudo é primoroso!

—E tempo de estudar, ao menos, um nadinha?

—Não precisa estudar, que este moço adivinha!

—Pois façam-no ministro. Agora é bom ensejo;
Mais dia, menos dia, ha vagas de sobejo!

*
* *

—O seu ministro... Então, que me diz do portento?

—Fraqueou de pés e mãos, e chapou-se, o jumento!

Maio, 96.

O PEDANTE

Que meneios, que andar, que posições que toma
Que trajo, e que vigor no sacudir da coma!

E bonito a valer!—miniatura esmaltada,
Em caixa de rapé, de velha apaixonada!

No saber... *épatant!*—Desculpem-me o francez,
Fallando de escriptor, que é trunfo em portuguez!

Tanto faz vel-o entrar nas galerias d'arte,
Como nos atheneus: assombra em toda a parte!

A palavra sisuda, e a pausada cadencia,
Repintam-lhe o matiz na tela da sciencia!

*
* *

Se carrégo as feições, quem lhe não põe o dedo!
Emfim, dois toques mais; esses mesmos, a medo.

E' rico, e qualquer dia, em folhas européas,
Hão de pasmar o mundo as suas odysséas!

Deixa a garra do genio em tudo quanto faz!
Que o desbanquem só tem, em summa, este rapaz,
Uns quatro charlatães, de tomo desmarcado,
Que andam sempre a assoprar o pateta, coitado!

Junho, 96.

GENIAL

O *esplendido* acabou, mas surge outro rival!
A qualquer escriptor, com visos de talento,
Vae a critica alvar clamando: «Olha o portento!»
E em vasconço moderno acclama-o—*genial!*

Onde veiu a parar o genio rutilante!...
O genio, o filho audaz da aventureira gloria!
Astro que rara vez, no turbilhão da historia,
Assombra a humanidade, e passa triumphante!

O SABIO

Um cotó-piroleta, e grande vozeirão,
De borla e de capello!... Honrado charlatão,
Na vaidade pueril, julga co'as panacéas
Resuscitar um morto!...
E não tem quatro idéas,
Apanhadas a dente, ou seja em prosa, ou verso,
Que atire, co'a philaucia, á cara do Universo!

E' soberbo no tom do enfunamento audaz,
No desdem do mirar, nas boquinhas que faz,
No que todo se lambe, antegostando o effeito
Da phrase boleada, e do fino conceito!!

*

* *

Desde a cabeça aos pés—*fond en comble* é melhor,
Quiz virar o saber!...
Potente Adamastor,
Esperava, a sorrir, as ondas da sciencia,
Que haviam de acurvar-se á sua omnipotencia!

E anda agora pasmado, ao ver que o mundo inteiro,
Na catarata enorme, é cego a tal luzeiro!

A tuba do porvir, com a fama, compense-o
D'esta alvar geração, que o recebe em silencio!

Julho, 96.

CAIN!

É POLITICO audaz—audacia da protervia:
Seja a causa qual fôr, em lhe convindo, serve-a!

Acurva-se na sombra, e a tudo se coaduna,
Conforme vae soprando a boa ou má fortuna!

Dragão da economia, engendra sabias leis,
Engulindo, por anno, uns seis contos de réis!

Fulmina a corrupção, exaltando a republica,
Quando um magnate bom rouba a fazenda publica;
Mas, se tem de julgal-o, em tribunal graúdo,
Põe na rua o ladrão, com arminhos e tudo!

Foi liberal estreme, em tempos que lá vam!...
Agora diz o *credo* aos pés da Reacção,
Olho em alvo, e contricto!... Acata os miguelistas!
Nos comicios d'Alcant'ra excita os socialistas,
Pela porta travessa, e assim que topa ensejo,
Faz zumbaias ao Rei com singular despejo,
De rastos, cavillando, a ver se, agora ou logo,
D'aquella prole augusta o tornam pedagogo!

Tem largas ambições!... Velho republicano,
Ninguem lhe dá de rosto em garbo palaciano!

Chora, e tambem troveja, iracundo, na praça,
Favoneando as paixões da futil populaça!

Recolhida no peito, a inveja purulenta
Assoma-lhe, sinistra, á face macilenta!

E a pupilla felina, a espaços incendiada,
Despede, transversal, a seta empeçonhada!

Guarda, quanto apanhou, na putrida consciencia;
E delata, e envenena, a honrada confidencia!

Prima n'estes papeis de nobre infamador:
Alchimista moral, transforma em fel o amor!

Colleia como a serpe. A rispida altiveza
Amolda-se, em secreto, á maxima baixeza!

Se podesse expandir o cerebro apoucado,
Era para tremer do torvo potentado!

Quando festeja alguem, mastim manso e fiel,
E' Cain trucidando o seu irmão Abel!

Março, 96.

A DÔR

Logo que nasci, ó dôr,
Eu te conheci, chorando;
E não te voto rancor,
Que se, lá de quando em quando,
Tive um dia creador,
Sempre estiveste commigo!...

Devo ser bem teu amigo!

Não me abandones, ó dôr!
Que na minha vida inteira—
Até no raiar do amor—
Nunca tive companheira
Como tu, ó dôr, ó dôr!

Deste-me a primeira lagrima,
No berço, quando era infante!
Foste o meu amor primeiro!

Agora, cerca do tumulo,
Minha solicita amante,
Dá-me o beijo derradeiro;
Que não ha beijos d'amor,
Sem os teus labios, ó dôr!

Julho, 93.

OS DOIS FORASTEIROS

Da tua longa jornada,
Vens fatigado, romeiro?
Pára, assenta-te, e descansa
A' porta d'um companheiro.

Vens procurar os amigos
Das crenças vivas da aurora?
Crenças e amigos, agora,
São caveiras nos jazigos!

Vens em busca da mulher,
Que te jurou sempre amar?
Hontem, morreu-lhe o marido,
E vae-se amanhã casar!

Vens pobre? Por mais que desse
Teu estro á patria, do rosto
Enxuga o suor das lagrimas,
Que a patria não te conhece!

Se perdeste mãe e irmã,
Ao cemiterio, commigo,
Vem... são dois passos. Lá temos
O berço da infancia, amigo!

Mas verás, que d'esse berço,
A' tua voz adorada,
Não respondem os teus mortos,
Respondem os echos: «Nada»!

Maio, 96.

DURANTE A INSOMNIA

O' mãe, ó minha mãe! ha quanto, ha quanto,
O' mãe, ó minha mãe! que te não vejo!

Agora é que de novo te entrevejo,
Branca, na aurora eterna!... Dá-me um beijo.
E deixa-me dormir no extremo leito,
Como dormia—já lá vae ha tanto!—
O' mãe! sobre o teu peito!

Julho, 93.

ENTRE A MORTE E A VIDA

Era um veu alvacento, humido, e frio,
Como enorme sudario!...
Atravez d'elle as cruzes do Calvario,
E o cyprestal esguio!

Eu vogava, vogava nos espaços,
E das alturas via o Campo-santo,
Todo envolvido n'um funereo manto!

Alguem me aconchegava ao seu alento,
Levando-me nos braços!...

Não havia um clarão no firmamento;
Nem um leve rumor na terra havia...
Em que profunda paz eu me sentia!

Quem era que ao seu peito me estreitava,
Por essa noite neblinosa e fria?
Seria a morte?... Como me beijava,
E como me sorria!...

Julho, 93.

COMPANHEIRA BEMDITA!

QUANTAS noites velaste á cabeceira
Do meu leito agitado!... O teu semblante
Não revelou, sequer por um instante,
A tua dôr! Bemdita companheira!

Chegou aquella noite derradeira!...
Tu, vendo que era a extrema despedida,
Beijaste a tua cruz,
A cruz de sangue e lagrimas ungida!

A cegueira do amor dá sempre luz!
Seguiste a morte pela noite escura,
E a propria morte, a fera creatura,
Olhando para ti, compadecida,
Deixou-te a minha vida!

Julho, 93.

VASCO D'ALMEIDA

(MORTO EM TRES DIAS, AOS TRES ANNOS)

PORQUE te levam á terra?!
Não tens o meu coração,
Que tantos mortos encerra?

Porque te levam á terra,
No pequenino caixão?!

De noite, o negro cypreste
Geme, sobre a terra dura,
Do inverno á rajada agreste!

Não vás para a sepultura...
Tens o meu peito, que chora
Por ti, com tanta amargura!

Os teus cabellos doirados,
Tão finos, tão annelados;
A tua ingenua alegria,

Não sam para a valla escura!...
Não vás para a terra fria!

Aqui, n'este coração,
Quantos mortos, como tu,
Vivem da minha paixão!

E tu irás, hirto e nú,
Por esta brava invernia,
Sumir-te na terra fria?...

Deixa aquella solidão!
Não vás para a noite escura,
Vem para o meu coração!
Vem!... Que n'esta sepultura
De tantos sonhos passados,
Inda os mortos adorados
Vivem da minha paixão!

Novembro, 95.

O DIABO E CHRISTO

A José Rodrigues d'Azevedo

Da casa, e do coração,
Levaram-lhe o filho morto!
Não quer sombras de conforto,
A mãe, na sua paixão!

Tem só vinte annos. Amou,
Ama, adora inda o marido?
Tudo que foi olvidou!
Não solta nem um gemido!

Na sua extrema agonia,
A mãe, inerte e sombria,
Não quer fallas de conforto...
Levaram-lhe o filho morto!

—«Deus para o ceu o levou!...»

—«Deus não pode estrangular,
Como um ladrão carniceiro,
O branco e manso cordeiro!

Eu sei quem m'o arrebatou!...
Alta noite o vi chegar—
Os beiços arregaçados,
Os olhos a coriscar,
E os galhos ensanguentados!

Foi com a voz estridente,
E com a bocca a espumar,
Que elle disse a Deus potente:
—«Vê se me podes tirar
Das garras este innocente!»

E a mãe, inerte e sombria,
Caíu em morta apathia!

*
* *

Urrando pelos montados,
A tempestade esbraveja,
E o ceu, tremendo, lampeja!

Os cerros alcantilados,
Pula, co'as unhas caprinas,
Vulto de feições ferinas,
E galhos ensanguentados!

Solta rugidos o vento,
Como em seu antro a leoa!
Negro, negro o firmamento!
Ronca o mar, o raio troa!

E elle subindo, subindo,
A pino, a serra altaneira,
Vae na vesana carreira,
Sempre rindo, rindo, rindo!

As medonhas gargalhadas
Da bocca, de forma extranha,
Sobrelevam ás rajadas
Do temporal da montanha!

Montanha, que não se acaba!...
E elle subindo, subindo
Aquelle ignoto Hymalaia,
Nem trepida, nem desmaia,
Nem nos infernos desaba!

Nos seus braços de esqueleto
Leva um infante dormindo,
D'um somno tão doce e quieto!...
Como o pobre infante é lindo!

Onde é que o levas, precito,
Pelos torrenciaes algares
D'esse monstro de granito?

Já se não ouvem os mares
Quebrar nos vãos dos rochedos!
Nem bracejam arvoredos
N'estes remotos logares,
De alcantilados penedos!

Nem um insecto a zumbir!
Nem um só echo do mundo!...
Elle, a subir, a subir,
Agora em silencio fundo!

E n'uma anciedade enorme,
Ao negro, ao arcado peito,
Aperta, em abraço estreito,
O lindo infante, que dorme!

*

* *

Vae entrar no Paraiso!
Nos braços leva a innocencia;
Voltará á antiga essencia!
Mas o ironico sorriso
Atraiçoa-lhe a consciencia!

Apesar de desthronado,
Luctador luciferino,
Tem, como fatal destino,
Ver se conquista o passado!

Não perde a cega ambição!
Na sua colera acerba,
Põe-lhe a chamma da soberba
Os olhos como um vulcão!

E aquelles olhos satanicos,
E a terrivel catadura,
Inda despedem relampagos
Da pristina formosura!

De novo o poder do Eterno,
Ufano conquistará!...
E senhor do ceu será,
Como é já senhor do inferno!

*

* *

O monte descommunal
Vae-se illuminando agora
De uma tinta sideral,
Como a da virginea aurora!

Refulge, na immensidade,
Luz, toda feita d'amor,
Luz de aromas e piedade!

Do estrellado resplendor
Sae sobrehumana beldade!...

Pelo riso, e pela dôr,
Pelo triste olhar sereno,
E' Jesus, o Nazareno!

Jesus, fonte immaculada,
Que, em meio de teus martyrios,
Creaste, na terra, os lyrios,
Nuncios da eterna alvorada!

Jesus ao peito attraíu
O infante! O diabo, então,
Deslumbrado refugiu!

*
* *

Lá vem, como o furacão,
A desabar da montanha;
E na truculenta sanha,
No torvo rancor eterno
Da recalcada vindicta,
Vibra esta praga maldita,
Com um corisco do inferno:

«Se não consigo alcançar
No ceu o summo poder,
Na terra hei de dominar!
Na terra, em quanto eu quizer,
Mãe alguma torna a ver
O filho, que eu lhe arrancar!»

*
* *

Em nome das mães, Senhor,
Luzeiros da humanidade,
Na omnipotencia do amor,
Fulmina, ó Christo, a maldade!

Novembro, 95.

AOS VINTE ANNOS

TINHAS quinze annos, e eu vinte,
Quando te vi!
Dia florente de maio!
Dia em que tu te perdeste,
E eu me perdi!

Teu vestido, alvo de neve,
E alguns cravos rescendentes
Na cinta, quebrada e breve,
Davam-te a graça campestre,
N'aquella verdura alpestre!

A luz batia em torrentes
Nos teus cabellos ondeando,
Ao sopro do vento brando;

E a distincção do teu ar
Tinha o encanto singular,
Que transcende as formosuras,
Que não se pode pintar!

Radiava o sol nas alturas,
Mas os seus raios esparsos,
Entrando nas espessuras,
Não eram mais rutilantes
Que a luz de teus olhos garços,
Faiscando, alguns instantes,
D'entre as pestanas escuras!

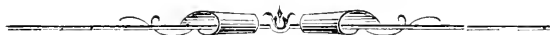
Meio em fructo, e meio em flor,
O pomar ao sol abria,
E no teu peito rompia
O incendio ignoto do amor...
Que dia foi esse dia!

Como o teu seio batia!
Seria jubilo ou dôr?

Era a suprema ventura,
Essa que não tem rival;
A que nos dá o ideal,
Com os travos d'amargura:
Sol ridente, noite escura!...
Sim! a que exhaure a razão,
Que morre e que resuscita,
Que espedaça o coração,
Que é perfida, e que é bemdita!

Até nas ancias mortaes,
Se não extingue jámais!

Ai de mim! Ai! ai de ti!...
Que dia foi esse dia!
Dia florente de maio,
    Em que te vi;
Dia, em que tu te perdeste,
    E eu me perdi!

Maio, 96.

CHORÕES

Não sam os que, á beira d'agua
De rio, ou fonte gorgeada,
Inclinam, rumorejando,
A copa verde e frondeada;

Onde, caíndo a tardinha,
Ou vindo a aurora a raiar,
É que é ouvir, de improviso,
As aves de Deus cantar!

Não, senhor. De carne e osso,
Sem verdura, nem canções,
Como sam, de noite, os mochos,
E' que sam estes *chorões!*

Fevereiro, 96.

RAPAZES!...

Tantas tristezas, rapazes!
Em vós, sempre a noite escura?
Não deis de mão á ventura!

Essas angustias de agora—
Vel-o-heis em breve, rapazes—
Sam beijos, beijos da aurora...

Com um pico de amargura,
Que vale mais que a ventura!...

*

* *

Guardae o travo, guardae,
Na memoria dos sentidos!...
Que o mal que vos traz pungidos,
E que maldizeis agora,
Quando toda a luz se esvae,
Inda, ao sol posto, é aurora!

Julho, 96.

CREANÇA E MULHER!...

A GLORIA, como irmã, circumda-te de flores
A estrada juvenil da luz e dos amores!

Tem duas condições a gloria, n'este mundo—
Ser throno alto e radiante, e pégo escuro e fundo!

Tenho medo por ti!... Então quando me lembro
D'este frio glacial, do asperrimo dezembro,
Que anda em roda de nós!...

Emfim, porém, agora
Não se trata da noite — eu vou fallar da aurora,
Que rompe, faiscando, em teu fecundo olhar!

Surjo do meu inverno, e vejo florejar,
Ao benefico influxo, aquellas primaveras,
De canticos, de sol, de rosas, de chimeras!

Mentiras, illusões, nuvens do idealismo,
Que sam, na mocidade, o puro realismo —
Tudo isso vejo em ti!...

Lá mais para o futuro,
Quando em teu horisonte haja algum ponto escuro —
Refrega desabrida, amargo desengano —
Has de me então dizer se o coração humano
Tem algum capital, que valha por milhões,
Como vale o arraiar das fulvas illusões!...

Mas dizer-m'o baixinho!...

A geração moderna,
O moderno *Ideal*, a critica hodierna
Não consente o sorrir das rosas nos vallados!

Enxota os rouxinoes, apoda os desgraçados,
Que ousavam presupor, na honrada juventude,
Que a noiva seja esposa, e exemplo de virtude!

A' timida Julieta, áquella debil flor—
Que uma só noite amou, mas d'um eterno amor—
Tem-lhe, não sei porque, votado asco de morte,
Em uivadas canções, uns vates de má-morte!

Praza a Deus, praza a Deus, que o teu virgineo abril
Conserve os rouxinoes e os laranjaes em flor!

Allias ao talento um ar inda infantil;
E's creança e mulher!... quanto ha mais seductor!

18...

NOSSA SENHORA DO CABO

Ao Padre José Quaresma de Paula

A SAÍDA DO CYRIO

PRIMEIRO ANJO

Mãe de Deus! Virgem Santissima!
Rosa Mystica da aurora,
Estrella da madrugada,
Da terra e dos ceus Senhora!

Da egreja do nosso Monte,
Vamos, piedosos romeiros,
Levar-te ao Cabo, onde guias,
Alta noite, os marinheiros!

Que tu dás, Virgem Maria! —
Entre sorrisos e flores —
Esperança aos desgraçados,
E perdão aos peccadores!

SEGUNDO ANJO

Um dia, sobre uma cruz,
Beijaste teu filho morto!
Conheces todas as dôres,
Para todas tens conforto!

A mãe que vê nos seus braços
Um filhinho moribundo,
Se não se apéga ao teu manto,
Quem lhe ha de valer no mundo?!

Agora, mais do que nunca,
Necessita Portugal,
Que lhe protejas seus filhos,
Padroeira celestial!

Portugal, onde tens sempre
Teus florídos sanctuarios!
Portugal, ameaçado
Pelos herejes corsarios!

CÔRO DOS ANJOS

Romeiros, ávante, ávante!
Na piedosa romaria,
Levamos por companheira
A Virgem Santa Maria!

CHEGADA AO CABO

PRIMEIRO ANJO

O' mar das aguas sem termo,
Do constante labutar!...
Só tu és fanal, Senhora,
De todo este vasto mar!

Só tu, com teu manto azul,
Morenita, morenita,
Sorrindo, as ondas acalmas!
Bemdita sejas, bemdita!

Nasce do lado do norte
Sempre o musgo no pinheiro!
Tambem dás norte, na terra,
Ao perdido forasteiro!

PARTIDA DO CABO

CÔRO DOS ANJOS

Adeus, Senhora do Cabo!
Fica-te agora em teu ermo,
Vigiando os navegantes,
Por essas aguas sem termo!

Adeus, adeus! Voltaremos
Outra vez em romaria,
Nós, teus filhos, teus escravos,
O' Virgem Santa Maria!

Maio, 30.

CANÇÃO Á GUITARRA

IMPROVISO

OH! geme, guitarra, geme,
Que, aos teus gemidos, agora,
A minh'alma tambem chora...
Oh! geme, guitarra, geme!

Tudo o que foi me recordas,
E cada nota sentida,
Que vibras das tuas cordas,
São prantos da minha vida!

Escutando os teus lamentos,
Tão ternos e pungitivos,
Entrevejo, por momentos,
Os meus mortos redivivos!

Aquelles que, ha tantos annos,
Já dormem na terra fria;
Terra onde vou, muitas vezes,
Resar uma Ave Maria!

Ave Maria purissima,
Mãe nas nossas amarguras!
E' conversar com os mortos,
Resar sobre as sepulturas!

A aragem nas folhas treme,
Quando vem rompendo a aurora;
Abrindo a violeta chora!...
Oh! geme, guitarra, geme!

Oh! geme, que n'este mundo,
Não gemem só desvalidos;
Geme, na costa, o mar fundo,
No occaso, o sol tem gemidos!

Mas o sol tem muita aurora,
O mar tem muita bonança,
E eu já não tenho uma esp'rança!...
Oh! chora, guitarra, chora!

94...

AURAS DA INFANCIA

A D. Maria Leonor Martins Pereira

Quanto mais me achego para a sepultura,
Mais me alembra a infancia com os seus clarões!
Os clarões accesos, n'uma noite escura,
Só co'a vista aquecem—fachos de ventura—
Quando o norte agreste gela os corações!

Oiço a voz do berço, com que me embalavam,
Alternando as coplas, minha mãe e irmã;
Sinto os doces beijos, com que me acordavam,
Quando as cotovias a cantar entravam.
E eu abria os olhos logo de manhã!

Vivo aquella vida; provo aquelle encanto,
Das abelhas d'oiro nectar divinal,
Com que a mãe, nos braços, me enxugava o pranto,
Com que a irmã, brincando, me entretinha tanto,
No jardim florído do seu morangal!

Por que as vejo agora, como então as via,
Tão alegres ambas?! Não se pode dar,
Que não tenha a morte crueldade fria,
E o que nos põe medo seja a covardia
De encarar com ella... que nos vem salvar?!

Junho, 95.

JULIO CESAR MACHADO

Não foste, tu não foste um suicida!
No Campo-Santo, ao filho idolatrado,
Inda sorris do mármor!... Desgraçado!
Matou-te o amor a que tu deste a vida!

Julho, 96.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

16 de Março de 1889

IMPROVISO

NASCEMOS no mesmo mez;
Temos quasi a mesma edade.
De quanto passou—bem vês,
Resta o espinho da saudade!...

Mas tu tens a gloria rútila
Do sol dos grandes talentos!
Eu, apenas o crepusculo
D'um sol, que raiou momentos!

Uniste o meu ao teu nome,
Em laço fraterno! —Emfim,
Aos clarões do teu renome,
Tambem me verão a mim!

LATINO COELHO

Se tivesses baqueado, aos echos da batalha,
Vendo egual decisão nos bravos da fileira!...
Se, ao beijares o pó, tivesses, por mortalha,
A bandeira da patria—a que já foi bandeira!...

Se aqui, onde nasceste, e onde rebenta a flor
Nos impervios da serra, á luz do sol radiante,
Podesses contemplar um iris salvador,
Ao voltar para o ceu a pupilla expirante!...

Feliz, feliz de ti! Felizes nós, tambem!
Que unir, no extremo alento, a bocca aos labios pulchros
Da mãe que nos creou, da patria—a santa mãe,
E' ver o sol da aurora á beira dos sepulcros!

Eu, tão chegado á morte—eterna companheira!
Espero que ámanhã, no mundo sideral,
Aquelles que adorei durante a vida inteira,
Os tenha em seu regaço essa amante ideal!

*
* *

Desde o primeiro alvor dos dias juvenís,
Com o teu coração, em torrentes de luz,
Sem treguas procuraste honrar o teu paiz...
Para o veres pregado aos braços d'uma cruz!

Para veres alguns, na torpe covardia,
Diffamal-o na praça, e praças do extrangeiro!...
Depois de labutar, com tanta valentia,
Deveu de ser-te amargo o trago derradeiro!

Compleição singular! Debil como um infante,
Na cortez fidalguia, extremamente affavel;
Mas, ao vibrar no campo a espada rutilante,
Ninguem lhe teve mão no pulso formidavel!

Teu corpo era um protesto aos rasgos deslumbrantes
Da tua colossal e nobre intelligencia!
Por que ha de fabricar, na terra, taes gigantes
De barro quebradiço, a mão da Providencia?!

Já, na infancia, o teu genio abria, com assombros,
Depois da aurora á noite, o prodigioso estudo!
Que peso de lavor sobre tão frageis hombros!
Porque tu perlustraste e profundaste tudo!

Foi o amor da sciencia o teu primeiro amor!
Quer soltasses a voz na escola, ou parlamento,
Sempre o mesmo saber; e sempre a mesma flor,
No impeccavel dizer do fulgido talento!

Inda, ha pouco, uma vez, na phrase mais polida,
Tu combateste só! As frechas imprevistas
Fizeram descórar, a cada arremettida,
O mais valente e audaz dos teus antagonistas!

*
* *

Sobre a serra de Cintra, e os valles nemorosos,
Batia a prumo o sol! Ao ires a enterrar,
Foram dignos de ti os *kiries* magéstosos
Dos echos da montanha e das costas do mar!

Que importa que depois, nas ruas da cidade,
Te não prestasse a turba as pompas triumphaes,
Ephemero brazão da popularidade?!...
Para ser popular eras grande de mais!

Eu não te choro a ti, mas choro os que deixaste!
Que noite no teu lar, onde tu refulgias!...
Assim Deus te poupasse, á hora em que acabaste,
A sinistra visão de tantas agonias!

Setembro, 91.

CASAL RIBEIRO

Tu não caíste em solo forasteiro;
Soltaste, no regaço
D'uma irmã, teu alento derradeiro!
Irmã, que é, como nós, independente;
E só os povos livres, n'um abraço,
Fundem os corações fraternamente!

Quizeste ver laureado
Um nome portuguez,
Na terra cuja historia tem marcado,
Com honrada altivez,
Quanto ha de mais heroico e mais sagrado!

Caíste; mas caíste como o roble,
Aos repelões do furacão final;
Que, no estádio, a cabeça triumphal
Não curvaste jámais, rasteira e doble!

Na imprensa luctador; rei na tribuna!
Acudindo, na sombra, a desgraçados;
Mirando, com piedade, empavezados,
Que a fama assopra, e que a vaidade enfuna!

Não pertenceste á ephemera grandeza
D'alguns d'hoje, soberbos prepotentes!...
Foram timbrados pela natureza,
Nos teus escudos, os leões rompentes!

Falcão primaz, a força do teu verbo
Não só no seu primor arrebatava,
Em justa indignação acceso e acerbo,
Mas fazia pensar quem o escutava!

Não era vã rhetorica, pleiteando
Em congestões de colera fingida!...
Amor da patria, que se apaga, quando
O famoso orador amanha a vida!

Tinhas a crença, como a teem os sabios!
Ou vencendo ou vencido, nos debates,
As sinceras palavras de teus labios
Provocavam os lucidos combates!

Não era este mar torvo, onde se agita
A vaga infrene da ambição caudal,
Sem consentir que a humanidade afflicta
Entreveja, no fundo, um ideal!

Quem te accusou de cego mysticismo,
Ó alma, que buscavas, nos espaços,
Sondar o eterno abysmo?!

Quanto o saber, em seus fecundos passos,
Não encontra no vago idealismo!...

Ergueste o attribulado coração,
Procurando alcançar da Providencia
O segredo da misera existencia?

E que procura a genial sciencia,
Agora e sempre? Talvez sempre em vão!

Caíste bem, no leito socegado,
Com perolas de beijos coroado!

A gloria do porvir alvorecia...
Já serenava o mar das ondas bravas!
Mas, no filho abraçado,
Aos lampejos da vida que fugia,
Foi para ti a maxima agonia
A dôr dos que deixavas!

Pagaste á terra o que é da terra—as lagrimas!
Porém, no vasto peito, sentirias,
Que são eternos os clarões prismaticos,
Que o talento despede em aureos dias!

Junho. 96.

LUIZ PASTEUR

Baqueou o imperio! A França, em cem batalhas,
Toda esvaida em sangue!
Pavilhões triumphaes, feitos mortalhas!
N'ellas envôlta a França, a França exangue!

Baqueou o imperio! A roda do destino,
Propicia até Magenta e Solferino,
Decepa a França!... E a França, mutilada,
Não tem um ai, um pranto, um braço amigo,
Na Europa, que a contempla apavorada,
Como se visse a gloria amortalhada,
N'um enorme jazigo!

*
* *

Palpita ainda? A limpida pupilla,
Luzeiro do Universo, inda scintilla?

Na desforra cruenta do rancor,
Sob a montanha d'oiro vae sumil-a,
O fatal vencedor!

*
* *

Vendo a patria no arranco derradeiro,
Enxuga o rosto e uma furtiva lagrima,
Nas sombras, um obreiro!
E transuda, e prosegue, com mais impeto,
Cyclopico mineiro!

*
* *

Quando o despojo opimo, com mãos ávidas,
E fera catadura,
Vem arrancar á victima,
Na esplendida estatura
Surge Pasteur, sorrindo-se!...
—O genio é Christo, que levanta Lazaros
Até da sepultura!—

E diz á patria: «Ufana-te!
Paga a montanha d'oiro! Estás liberta!
Aguarda no porvir dias mais prosperos,
E offerta ao mundo a minha descoberta!»

*

* *

Pasteur viveu!... Inda, no extremo anhelito,
Prestou, n'um santo amor, culto á virtude!

Faltam heroes lendarios, n'este seculo,
Ao moderno alaude?

Julho, 96.

CAMÕES

NO CONVENTO DOS JERONYMOS

A Julio, Visconde de Castilho

As salvas triumphaes da artilheria
Cessaram, pela noite constellada!
Foi deslumbrante e jubiloso o dia!

A abobada de marmore, arrendada
Pelo cinzel de artistas geniaes,
Treme co'a luz da lampada sagrada!

Bracejam as palmeiras colossaes!
O sopro do talento converteu
As pedras em florestas orientaes!

O dia, qu'inda ha pouco esmoreceu,
Fulminou as protervias da ambição,
Que tanta e tanta vez nos offendeu!

*
* *

Desperta, e pela augusta solidão
A rutila pupilla circumvaga,
O genio de sublime coração!

Bate na foz do Tejo, arfando, a vaga;
Resoa a viração no templo vasto,
Como harmonia mysteriosa e vaga!

A lua, erguida e plena, deixa um rasto
Atravez das ogivas; nos altares
Inclina o rosto, pensativo e casto!

*
* *

«Onde estou? Pelos indicos palmares
Não vi tão frondeadas ramarias
Acurvarem os troncos seculares!

Quando cheguei aos derradeiros dias,
N'um catre miseravel me tomou
A morte, com as roxas agonias;

Porém a morte não me apavorou:
Sorriu-se para mim, e, carinhosa,
Dando-me um beijo, os olhos me cerrou!

Velava ao lado meu alma piedosa—
Alma como a não houve mais humana—
Que me amparou na estrada dolorosa!

Recalcando no peito a angustia insana,
Me foi abrir a cova, e nos seus braços,
N'um lençol, me levou para Sant'Anna!

Acordo, e vejo-me em soberbos paços!

*
* *

«Quem tenho ao pé de mim? Vasco da Gama!
Que deu um mundo ao rei, que jaz além,
E com um mundo immorredoira fama!

A tal fastigio quem me trouxe, quem?!
Do solio omnipotente, quando vivo,
Em mim os olhos não cravou ninguem!

Voltava ao meu paiz. Voltava altivo,
Porque vinha depôr uma epopêa,
Gloria das nossas, sobre o altar votivo!

A um rei louco, e prasmado co'a odyssêa,
Que phantasiara na turvada mente,
Não lhe passou meu nome pela idéa!

Levou, para cantar o caso ingente,
Deixando-me ficar na noite escura,
Um tangedor de avena unicamente!

Nem sequer uma rasa sepultura
Tiveram para mim os potentados,
Nem um ai para a minha desventura!

Agora tenho um leito de brocados;
Troa o canhão, saudando-me na morte,
E veneram-me os genios consummados!

Quem transformou assim a minha sorte?»

O SECULO DEZENOVE RESPONDENDO A CAMÕES

«Tu as nossas grandezas celebraste,
E com ellas, no teu saber copioso,
As maiores da terra cotejaste!

Deu-te Roma o que havia mais pomposo,
Mas, n'aquelle esplendor, lá viste a cruz
Do bom, do mau, do escravo desditoso!

Sobre ella repregaram a Jesus!...
E em nome de Jesus!!... Deixa o passado,
Para encarares a siderea luz

Do meu tempo, nas trevas calumniado!

*
* *

«Acabou co'a tortura truculenta,
E o balsamo divino descobriu,
Que as dóres cruciantes adormenta!

De que tormentos o homem redimiu!
Vale mais, pelo amor, tal descoberta,
Que a descoberta que o Oriente abriu!

Hoje rebenta, da cratera aberta,
Pavoroso vulcão que a humanidade
Com as lavas caudaes talvez subverta?...

Vem do passado o monstro, e da impiedade,
Com que, em tratos crueis, lhe produziram
A miseria, a serpente da maldade!

Mas as fontes do bem não se exhauriram,
E a sciencia, luctando noite e dia,
Ha de sarar as chagas que lhe abriram,

.

Pelas sombras, as mãos da tyrannia!

*
*   *

«Os aureos deuses, os heroes lendarios,
No ascetico fervor, as almas crentes,
Não tiveram os loiros millenarios,

Que, sem broqueis, nem gladios percucientes,
Mineiros do porvir, de quando em quando,
Pela biblia da terra, os meus videntes

Na batalha do amor vão conquistando!

*
* *

«Quando no teu grabato a morte entrava,
Inda ouviste clamar voz sepulchral:
—N'Africa, a patria succumbiu escrava!—

E n'Africa resurge Portugal!
Ufana-te, que a patria tua amada,
Aos clarões d'este seculo immortal,

Responde á tua gloria immaculada!»

*

* *

Quebrava, á foz do Tejo, a vaga indomita;
A rubente alvorada mal rompia...
Ergueu-se do gigante a sombra pallida!

E aquella voz, que nos revezes tragicos
Petrificara o mundo, na alegria
Emmudeceu; e só com uma lagrima

Camões saudou a aurora d'esse dia!

Fevereiro, 96.

ULTIMO ADEUS

O CRUCIFIXO

«Aqui tens Christo. Sereno,
Como no Calvario, agora
Perdoa, e a quantos padecem,
Gottejando sangue, adora!

A nossa mãe, moribunda,
Levou á bocca esta cruz.
Viveu beijando os seus filhos;
Morreu beijando a Jesus!

Tu, Maria da Piedade,
Irmã do meu coração,
Beijando na morte a Christo,
Beija tambem teu irmão!»

*
* *

Mal abria os labios tremulos;
Mas, n'esse instante supremo,
Inda me sorriram pallidos,
Mandando-me o beijo extremo!

Nos olhos tinha uma lagrima,
A derradeira da vida!
Só lhe restava uma perola,
E deu-m'a na despedida!

Janeiro, 95.

MARIA!

Levaste-me do berço á pia baptismal,
E eu vou levar-te, agora, á valla sepulcral!

Sorriste ao meu amor, no dia em que nasci,
E a tua bocca morta ainda me sorri!...

Deixaste-me, na terra, um luminoso traço,
Como a estrella cadente o deixa pelo espaço;

Mas quando eu praticasse um acto criminoso,
Veria o teu olhar, sereno e carinhoso,
A mandar-me do ceu o perdão, alcançado
A' piedade de Deus, por me haveres amado!

Não! Em quanto viver, não hei de macular
A candura ideal, que deixaste no lar!

A tua bocca morta ainda me sorri,
E eu não tenho valor de me apartar de ti!

Tu, que tudo me deste—irmã e minha mãe—
Dá-me, na tua cova, um cantinho tambem!

Quem sempre me abrigou, no frio da má sorte,
Não me ha de abandonar n'um frio, que é de morte!

No vigor de outra edade, inda uma flor podia,
D'um affecto diverso, abrir-se em mim, Maria.

Mas o orvalho do ceu, por mais purificado,
Nunca abriu uma flor d'um tronco fulminado!

Deixando sobre mim a noite carregada,
Levou-me, a tua sombra, o clarão da alvorada!

Onde tens tanta luz, implora a Deus, agora
Que me vês desgraçado, a minha morte... Implora!

Janeiro, 95.

SORRISO D'ALÉM TUMULO

Quando saía,
Para a janella voltava o rosto,
E sempre a via!...

Com quanto gosto,
Quanta alegria,
Eu lhe acenava, e ella sorria!...

Deserta sempre, agora, a janella,
Por mais que os olhos volva para ella!...

Ao cemiterio vou procural-a...
Quem ama espera, por nós, na valla!

Quem no meu berço me beijou tanto,
Ha de abraçar-me no Campo-Santo!

Sob as violetas do chão que adoro,
Eil-a a sorrir-me!... porém eu choro!

95...

O CYPRESTE

Aos puniceos clarões da fulva primavera
Rebentaram em flor os ramos do pomar;
A's ruinas dão graça umas grinaldas d'hera...
Na tua rama escura é que ninguem espera
Um botão a sorrir, um passaro a cantar!

Traz-nos frescura umbrosa o frondeado olmeiro;
O laurel marcial ondula campeador;
Enreda-se em festões o pampano fragueiro...
E á tua sombra esguia, o adusto forasteiro
Não pode descansar, coberto de suor!

Não tens nem ar, nem flor, nem fructos, nem gorgeios!...
Quem foi que te plantou, arvor da maldição?
Sob a tua raiz abre os famintos seios
A terra, que despresa os mais crueis anceios,
E nos devora, em vida, o proprio coração!

Quem foi que te plantou? Com que vil ironia
Levantas para o ceu a cabeça fatal,
Se debaixo dos pés sepultas, dia a dia,
A virtude, o talento, a innocencia, a alegria,
E o filhinho, arrancado ao peito maternal?!

Mentiram-te, e eu menti, se te chamei amigo!
Interroguei-te em vão, debalde te implorei
Que me deixasses ver os que lá tens comtigo!...
Maldito sejas tu, que nem me deste abrigo,
Quando me arrebataste aquelles que adorei!

Parasita da morte, em lagrimas prospéras!
O sangue do banquete é propicio licor!
Lauta alimentação... botões das primaveras!
E até, da humanidade, as proprias bestas feras
São postre para ti, insano tragador!

*

*   *

N'uma noite invernal, com soberba ironia,
Ao cypreste sinistro ouvi-lhe responder:
«A virtude, o talento, a innocencia, a alegria,
A dôr universal, e os seculos, um dia,
Debaixo de meus pés, como eu, hão de morrer!«

Monte de Caparica, Torre — Oitubro, 96.

NOTAS

NOTAS

N'ESTAS breves notas explico apenas as palavras que não conheço dos lexicons e dos classicos, mas que são genuinamente nacionaes.

Pag. 1.—«... *caíram as branduras*». Orvalhadas ou muito leves aguaceiros da primavera e outono.

Pag. 8.—«*Que pé e que pulmões de lebre maçarica!*» Lebre maçarica chamam todos os caçadores á que é mais pequena, atarracada, e que mais se furta aos cães. Differe de maçarico, macho da lebre.

Pag. 19.—«*Vae perguntar trabalho, etc.*» Perguntar por procurar. Usa-se nas nossas provincias e principalmente no Alemtejo, ás vezes de modo bem expressivo.

Pag. 35.—«*E sobe a pino o almaraz*». Aos montes que vam do Pontal de Cacilhas até á Trafaria, chamam, de tempos immemoriaes, almaraz, não só os habitantes do sitio, mas todos os pescadores e maritimos do Tejo. Virá do arabe a palavra? Os eruditos o poderão dizer.

Pag. 43 a 57.—As georgicas contidas n'estas paginas foram publicadas, ha muitos annos, no livro *Hoje*. Reuni-as n'este volume para dar a collecção completa.

Pag. 46.—«*A rajada é mais longa, e curto o recalmão*». Recalmão é o intervallo sereno nas grandes ventanias. Usam-no, principalmente, os homens do mar.

Pag. 116.—«*Lá, distante, da jardia*». Jarda, ou jardia, chamam, por estes sitios e outros do paiz, á charneca de rosmano, alecrim, camarinha, joina, etc.

Pag. 116.—»*Fizeram-na campeira*». Campeira, por ampla. Na Beira até se diz da *costella*, com que se arma aos taralhões.

Pag. 121.—«*Chego, e vejo o trunqueiro a jogar-lhe á raiz*». Trunqueiro, ou tronqueiro, como o povo pronuncia é o que decepa as arvores.

Pag. 217.

> «*Não foste, tu não foste um suicida!*
> *No Campo-Santo, ao filho idolatrado,*
> *Inda sorris do mármor!... Desgraçado!*
> *Matou-te o amor a que tu deste a vida!*

Relendo no *Valle de lagrimas*, de Silva Pinto, o capitulo sobre Julio Machado—capitulo que é uma perola de dôr, e um diamante primorosamente facetado—escrevi a lapis, na ultima pagina, os quatro versos que encimam esta nota. Mais uma lagrima, que a tragedia d'aquelle desgraçado arrancou ao coração dos seus amigos!

Pag. 232.—«*Prestou, n'um santo amor, culto á virtude*». Pasteur, ás portas da morte, disse: «Deixo quanto a lei me permittir a minha mulher».

INDICE

GEORGICAS

LYRICAS

ERRATA

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
14	9	talía	tália
18	5	esperança	esp'rança
40	1	surgindo d'entre	surgindo á flôr, por entre
57	5	As auras	A's auras
154	5	e o grande	e se o grande